

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA

ELLEN SÂMILA DOS SANTOS MARINHO

LÍNGUAS INDÍGENAS DE SINAIS: EM BUSCA DE FONTES DE ESTUDO

GOIÂNIA
2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE LETRAS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

Ellen Sâmila dos Santos Marinho

3. Título do trabalho

LÍNGUAS INDÍGENAS DE SINAIS: EM BUSCA DE FONTES DE ESTUDO.

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

- a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);
- b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Ellen Sâmila Dos Santos Marinho, Discente**, em 13/08/2025, às 10:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Aline Da Cruz, Professora do Magistério Superior**, em 15/08/2025, às 10:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5568231** e o código CRC **DEC15542**.

ELLEN SÂMILA DOS SANTOS MARINHO

LÍNGUAS INDÍGENAS DE SINAIS: EM BUSCA DE FONTES DE ESTUDO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, da Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Goiás (UFG), como requisito para obtenção do título de Mestra em Letras e Linguística. Área de concentração em Estudos Linguístico.

Linha de pesquisa 4. Forma e funcionamento de línguas indígenas, línguas de sinais, língua portuguesa e outras línguas.

Orientadora: Professora Dra. Aline da Cruz.

Goiânia

2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Marinho, Ellen Sâmila dos Santos
LÍNGUAS INDÍGENAS DE SINAIS: EM BUSCA DE FONTES DE ESTUDO [manuscrito] / Ellen Sâmila dos Santos Marinho. - 2025.
f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Aline da Cruz.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras (FL), Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Goiânia, 2025.

Bibliografia.

Inclui siglas, mapas, fotografias, abreviaturas, símbolos, tabelas, lista de figuras, lista de tabelas.

1. Índios surdos. 2. Línguas indígena de sinais. 3. Escolas indígenas. 4. Libras. I. Cruz, Aline da, orient. II. Título.

CDU 81



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE LETRAS

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº 25 da sessão de Defesa de Dissertação de **Ellen Sâmila dos Santos Marinho**, que confere o título de Mestre em Letras e Linguística, na área de concentração em Estudos Linguísticos.

Aos **quatro** dias do mês de **dezembro** do ano de **dois mil e vinte e quatro**, a partir das **14h**, na **Sala 79**, da Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Goiás, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada "**LÍNGUAS INDÍGENAS DE SINAIS: EM BUSCA DE FONTES DE ESTUDO**". Os trabalhos foram instalados pela Orientadora, **Profa. Dra. Aline da Cruz** (PPGLL-FL-UFG) com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: **Prof. Dr. Bruno Gonçalves Carneiro** (PPG/UFT), membro titular externo, e **Profa Dra. Beatriz Protti Christino** (PPGLV/UFRJ), membro titular externo, por videoconferência. Durante a arguição os membros da banca não fizeram sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido a candidata **aprovada** pelos seus membros. Proclamados os resultados pela **Profa Dra. Aline da Cruz**, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, aos **quatro** dias do mês de **dezembro** do ano de **dois mil e vinte e quatro**.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Bruno Gonçalves Carneiro, Usuário Externo**, em 13/08/2025, às 11:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Beatriz Protti Christino, Usuário Externo**, em 13/08/2025, às 21:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Aline Da Cruz, Professora do Magistério Superior**, em 15/08/2025, às 14:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5568207** e o código CRC **5AB3B760**.

Referência: Processo nº 23070.057722/2024-93

SEI nº 5568207

Não por força, nem por poder.
Mas pelo Espírito. Zc. 4.6

AGRADECIMENTO

Gostaria de expressar minha gratidão a todos que contribuíram para a realização deste trabalho. Em primeiro lugar, agradeço à minha orientadora, Aline da Cruz, por sua orientação, paciência e apoio ao longo deste processo. Suas valiosas sugestões foram fundamentais para o desenvolvimento deste estudo.

Agradeço também aos meus colegas e amigos, que sempre estiveram ao meu lado, oferecendo conselhos e encorajamento. Sua amizade foi uma fonte constante de motivação.

Não poderia deixar de agradecer à minha família, que sempre acreditou em mim e me apoiou em todos os momentos. Seu amor e compreensão foram essenciais para que eu pudesse alcançar este objetivo.

Por fim, agradeço a todos os participantes e instituições que colaboraram com esta pesquisa, tornando possível a realização deste trabalho.

RESUMO

A presente pesquisa, com o tema “Línguas indígenas de sinais: em busca de fontes de estudo”, tem como objetivo principal verificar até que ponto a Libras tem sido levada para comunidades indígenas e até que ponto se sobrepõe a línguas indígenas de sinais no Brasil. Para tanto, este estudo visa realizar uma revisão bibliográfica das obras já publicadas sobre essa temática, a fim de compreender as políticas linguísticas que estão sendo implementadas para valorizar as línguas indígenas de sinais. Para isso, baseamo-nos em trabalhos anteriores que realizaram mapeamentos das línguas de sinais encontrados nas comunidades indígenas em geral (Vilhalva, 2012) e especificamente na língua indígena de sinais - LIS Terena (Sumaio, 2018) e Língua de Sinais Kaa'por (Godoy, 2020). A pesquisa procura responder às perguntas: Em que comunidades indígenas a Língua Brasileira de Sinais (Libras) está sendo utilizada? Onde a Libras concorre com línguas indígenas de sinais? Buscamos mapear esses usos, a fim de fornecer elementos concretos para a proposição de políticas linguísticas nessa área.

Palavras chaves: Índios surdos, Línguas indígena de sinais, Escolas indígenas e Libras.

Abstract

This research about “indigenous sign languages: in search of study” sources has as its main objective to verify to what extent Libras has been brought to indigenous communities and to what degree it overlaps with other indigenous sign languages in Brazil. For this purpose, this study aims to carry out a bibliographic review of the works already published on this topic, in order to understand the linguistic policies that are being implemented to enhance indigenous sign languages. For this, we rely on previous works that carried out mappings of the sign languages found in indigenous communities in general (Vilhalva, 2012) and specifically in the Indigenous Sign Language - LIS Terena (Sumaio, 2018) and Sign Language Kaa'por (Godoy, 2020). The survey seeks to answer the questions: In which indigenous communities is the Brazilian Sign Language (Libras) being used? Where does Libras compete with indigenous sign languages? We seek to map these uses in order to provide concrete elements for proposing language policies in this area.

Keywords: Deaf Indians, Indigenous Sign Languages, indigenous schools and Libras.

SIGLAS E ABREVIATURAS

ASL - Língua de sinais americana

CM - Configuração de mão

FUNAI - Fundação Nacional dos Povos Indígenas

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Libras - Língua Brasileiras sinais

LIS - Língua indígena de sinais

LSE - Língua de sinais emergente

LSF - Língua de sinais francesa

LSKB - Língua de sinais Ka'apor brasileira

LSN - Língua de sinais Nicaraguense

LSTI - Língua de sinais em terras indígenas

LSV- Língua de sinais Venezuelana

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

Lista de Quadro

Quadro 1 - Análise crítica dos texto	23
Quadro 2 - Educação de surdos: Línguas, desafios e propostas	38
Quadro 3 - Língua indígena de sinal do povo Sateré-Mawé.....	42
Quadro 4 - Educação de surdos: Línguas, desafios e propostas	44
Quadro 5 - Língua indígena sinais do povo Akwê-Xerente	44
Quadro 6 - Educação de surdos: Línguas, desafios e propostas	46
Quadro 7 - Língua indígena de sinais do povo Macuxi.	46
Quadro 8 - Educação de surdos: Línguas, desafios e propostas	47
Quadro 9 - Língua indígena de sinais do povo Wapixana.....	47
Quadro 10 - Educação de surdos: Línguas, desafios e propostas	49
Quadro 11 - Língua indígena de sinais do povo Ka'apor	50
Quadro 12 - Educação de surdos: Línguas, desafios e propostas	52
Quadro 13 - Língua indígena de sinais do povo Pataxó	52
Quadro 14 - Educação de surdos: Línguas, desafios e propostas	54
Quadro 15 - Língua indígena de sinais do povo Xucuru do Ororubá.....	55
Quadro 16 - Educação de surdos: Línguas, desafios e propostas	56
Quadro 17 – Língua indígena de sinais do povo do povo Guarani	57
Quadro 18 - Educação de surdos: Línguas, desafios e propostas	64
Quadro 19 – Língua indígena de sinais do povo Terena	65
Quadro 20 - Educação de surdos: Línguas, desafios e propostas	71
Quadro 21 – Língua indígena de snais do povo Kaingang	71
Quadro 22 - Educação de surdos: Línguas, desafios e propostas	76

Lista de Figuras

Figura 1 - Fluxograma de análise.....	22
Figura 2 - Mapa de localização da ilha do Marajó e município de Altamira	41

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. METODOLOGIA BIBLIOGRÁFICA	16
2.1. Análise documental das obras adotada na pesquisa.....	21
2.2. Critérios de análise.....	21
2.3. Textos que fizeram parte da pesquisa.....	23
2.4. Organização do material de pesquisa	30
3. POR UM LEVANTAMENTO DAS LÍNGUAS INDÍGENAS DE SINAIS – LIS ENCONTRADAS.....	32
3.1 Alguns estudos acerca das línguas indígenas de sinais.....	32
3.2 Línguas de Sinais Indígenas da Região Norte	37
3.3 Línguas Indígenas de Sinais encontradas na Região Nordeste.....	48
3.4 Línguas de sinais indígenas na região do Centro-oeste.....	56
3.5. Línguas de sinais indígenas na região Região do Sul.....	72
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	767

1. INTRODUÇÃO

Os estudos sobre línguas indígenas de sinais são uma área de pesquisa relativamente nova, mas têm ganhado importância nos últimos anos. Línguas indígenas de sinais são as línguas de sinais utilizadas por comunidades indígenas em várias partes do mundo. Algumas pesquisas mostram que algumas comunidades indígenas podem ter sua própria língua de sinais, refletindo as suas necessidades e contextos culturais linguísticos específicos. Ao observar e explorar as variações linguísticas e regionais das LIS, bem como as influências culturais em sua estrutura, é possível entender o uso como função de preservação de patrimônio linguístico e cultural das comunidades indígenas.

Ao explorar a educação e a inclusão das LIS, acredita-se contribuir para promover o avanço da comunicação entre o sujeito surdo e a comunidade ouvinte. Assim, ao traçar um panorama do que já foi feito, este trabalho pretende contribuir para pensar em projetos de pesquisa que promovam o desenvolvimento para apoiar a preservação das LIS, pois muitas delas estão em risco de desaparecimento. O estudo desenvolvido nessa dissertação demonstra como as LIS preservam a diversidade linguística e cultural, e promovem a inclusão de pessoas surdas nas comunidades indígenas. A pesquisa nessa área continua a evoluir à medida que mais atenção é dada a essas línguas e suas comunidades.

Trata-se, portanto, de um trabalho de pesquisa bibliográfica, ou seja, buscou-se, por meio do levantamento bibliográfico, conhecimento aprofundado em relação ao tema, por intermédio de periódicos, livros, artigos, teses e dissertações do acervo de bibliotecas e bases de dados eletrônicas.

Vale ressaltar que é desafiador buscar obras publicadas que tenham como tema as Línguas Indígenas de Sinais (doravante LIS) no Brasil, uma vez que há poucos pesquisadores nessa área. Minha motivação para pesquisar sobre a expansão da Libras sobre as LIS ocorreu a partir da participação em grupos de pesquisa da Universidade Federal de Goiás. Na pandemia da COVID-19, assisti a várias *live* com a temática e preocupações dos últimos anos sobre “as línguas indígenas de sinais”. Trata-se de uma preocupação bastante relevante, pois alguns pesquisadores têm a preocupação a respeito da potencialidade de perda das línguas de sinais dos povos originários, assim gerando várias discussões e debates em torno da LIS no país. Com essa preocupação em mente e a partir do convite da professora

doutora Andréa Guimarães, entrei em um grupo de pesquisa. Como educadora, pesquisadora e profissional tradutora intérprete de Libras, tive um grande interesse em buscar mais informações da LIS. As pesquisas ainda são muito novas no campo acadêmico, porém, é extremamente importante falar sobre os indígenas surdos.

A hipótese dos trabalhos advém dos seguintes questionamentos: quantas línguas indígenas de sinais já foram encontradas? Quais são as políticas de documentação das línguas indígenas de sinais? Como a Libras está influenciando os sinais nas comunidades indígenas? Como apontado na citação sobre a consolidação do direito dos povos indígenas no Brasil:

Nesta perspectiva, a Educação Escolar Indígena, na atualidade, está voltada para a discussão de temáticas relevantes e atuais para a consolidação do direito dos povos indígenas no Brasil a uma educação diferenciada e de qualidade, pautada pela interculturalidade e pelas vivências inter e intralinguísticas. Temas como a formação dos próprios índios como professores e autores dos seus materiais didáticos, bem como a inserção das línguas indígenas na escola, seja como língua materna, seja como segunda língua, são prementes de debates e problematização nos cursos de formação e também junto às instituições públicas de ensino (XERENTE, 2019, p. 223).

No capítulo 1 será abordada a introdução da dissertação *Línguas indígenas de sinais: em busca de fontes de estudo*, explorando o que há na revisão de literatura sobre o tema, e como os autores escolhidos influenciam na pesquisa do presente estudo. No capítulo 2, irá trabalhar com o principal procedimento metodológico, a pesquisa bibliográfica, cujo objetivo é reunir e analisar materiais previamente publicados sobre as Línguas Indígenas de Sinais (LIS). A pesquisa bibliográfica é essencial para a construção de um referencial teórico sólido, permitindo compreender as contribuições acadêmicas já existentes e identificar lacunas que possam ser exploradas. Para isso, foram analisadas diversas fontes, incluindo livros, artigos científicos, dissertações e teses, a fim de coletar informações relevantes e atualizadas. A escolha do tema está relacionada à crescente necessidade de documentar e preservar as línguas indígenas de sinais, reconhecendo sua importância para as comunidades surdas indígenas e para os estudos linguísticos. Assim, esta pesquisa busca compreender a disseminação dessas línguas, suas influências e a interação com a Libras, além de investigar políticas educacionais voltadas para os surdos indígenas.

Para a seleção do material de análise, foram adotados critérios rigorosos de busca e triagem em bases de dados acadêmicas, resultando na escolha de obras que fornecem um embasamento teórico consistente. A metodologia utilizada inclui a análise documental, observação e entrevistas com membros de comunidades usuárias dessas línguas. O

estudo visa contribuir para o entendimento das línguas indígenas de sinais, oferecendo subsídios para discussões acadêmicas e políticas voltadas à valorização e preservação dessas línguas no Brasil. O estudo vai contribuir também com o estabelecimento de perguntas claras, tais como quantas línguas de sinais indígenas foram documentadas, e como a Libras está influenciando essas línguas nas comunidades. A pesquisa inclui também uma análise documental das obras adotadas, observando a relação entre povo, localização geográfica e troca linguística, além de considerar fatores históricos, sociais e culturais que impactam o desenvolvimento das línguas de sinais. Outro critério adotado também será a seleção do material de análise, que é baseada na relevância dos textos encontrados nas plataformas de pesquisa, resultando em uma filtragem rigorosa de publicações.

O Capítulo 3 da pesquisa, intitulado "Por um levantamento das línguas indígenas de sinais – LIS encontradas", fornecerá uma análise minuciosa das diferentes Línguas Indígenas de Sinais (LIS) existentes no Brasil, categorizando-as por regiões geográficas. O capítulo busca documentar essas línguas, destacando a diversidade linguística e cultural que cada comunidade indígena possui. Além de identificar as línguas de sinais nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, a pesquisa observa como fatores históricos, sociais e culturais influenciam o desenvolvimento e a disseminação das LIS. O capítulo também examina a relação entre as línguas indígenas de sinais e a Língua Brasileira de Sinais (Libras), discutindo como essa interação impacta a educação e a inclusão social de surdos nas comunidades indígenas.

Ao final, o capítulo sugere a necessidade de políticas linguísticas que reconheçam e valorizem as línguas de sinais indígenas, promovendo a preservação e o fortalecimento da identidade cultural dessas comunidades. A pesquisa ressalta a importância de um maior investimento em documentação e na formação de educadores, viabilizando um ambiente educacional que respeite e incorpore a diversidade linguística. O capítulo também aborda a situação atual da educação de surdos nas comunidades indígenas, considerando a interação entre as LIS e a Língua Brasileira de Sinais (Libras), além de questões relacionadas à inclusão educacional. Examinar como a cultura e os costumes de cada povo indígena influenciam suas respectivas línguas de sinais, ressaltando a variedade cultural e linguística encontrada entre as comunidades. Discute a importância da documentação das línguas de sinais indígenas e as políticas linguísticas atuais que buscam valorizar e preservar essas línguas, apontando para a necessidade de reconhecimento e apoio institucional. São pontos que destacam a diversidade e a complexidade das línguas

indígenas de sinais no Brasil, bem como a importância de sua documentação e valorização na educação e na cultura. Portanto, foi apresentado um levantamento de dados acerca das línguas de sinais e da situação dos surdos em comunidades indígenas, por região do país.

O Capítulo 4, intitulado "Considerações Finais", aborda as principais conclusões da pesquisa sobre Línguas Indígenas de Sinais (LIS) no Brasil, enfatizando a urgência de sua preservação e valorização. Este capítulo sintetiza os achados, destacando a diversidade e a relevância das línguas de sinais para a identidade cultural dos povos indígenas, além de sua importância na comunicação e na transmissão de conhecimento dentro das comunidades. Além disso, discute o impacto da Língua Brasileira de Sinais (Libras) nas línguas indígenas de sinais, alertando para a possibilidade de que a Libras possa substituir ou minimizar o uso das línguas nativas, o que traz riscos de extinção cultural. O capítulo enfatizará a necessidade de políticas linguísticas inclusivas que reconheçam e integrem as LIS na educação e na vida cotidiana das comunidades indígenas, promovendo um ambiente que respeite e valorize a diversidade linguística. O capítulo convida à continuidade das pesquisas nesse campo, sugerindo que estudos futuros sejam direcionados para a documentação, revitalização e promoção das línguas indígenas de sinais, considerando seus contextos culturais específicos e a importância de capacitar educadores para esse desafio. Esses pontos refletem uma visão holística das LIS e seu papel vital na cultura indígena, além de enfatizar a necessidade de ações proativas para sua preservação e promoção.

2. METODOLOGIA BIBLIOGRÁFICA

Este trabalho terá como procedimento metodológico principal a pesquisa bibliográfica, para coletar informações já publicadas acerca das LIS. A pesquisa bibliográfica é existente em várias áreas do conhecimento, encontrando-se em obras publicadas ou em andamento, com o foco em um processo de investigação para solucionar, responder ou aprofundar sobre uma problemática no estudo de um fenômeno.

[...] elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico, internet, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa. Na pesquisa bibliográfica, é importante que o pesquisador verifique a veracidade dos dados obtidos, observando as possíveis incoerências ou contradições que as obras possam apresentar (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 54).

Uma pesquisa bibliográfica é um tipo de pesquisa que tem como objetivo buscar e analisar o conhecimento existente em fontes bibliográficas, como livros, artigos científicos, teses, dissertações e outros materiais publicados. É uma etapa essencial no processo de pesquisa, pois permite ao pesquisador identificar o que já foi estudado e publicado sobre o tema de interesse. Ao realizar uma pesquisa bibliográfica, o pesquisador busca coletar informações relevantes e atualizadas sobre o assunto em questão. Ele utiliza diversas fontes de informação, como catálogos de bibliotecas, bases de dados online, revistas especializadas e recursos acadêmicos, para encontrar publicações que sejam pertinentes ao seu estudo.

A pesquisa bibliográfica é habilidade fundamental nos cursos de graduação, uma vez que constitui o primeiro passo para todas as atividades acadêmicas. Uma pesquisa de laboratório ou de campo implica, necessariamente, a pesquisa bibliográfica preliminar. Seminários, painéis, debates, resumos críticos, monográficas não dispensam a pesquisa bibliográfica. Ela é obrigatória nas pesquisas exploratórias, na delimitação do tema de um trabalho ou pesquisa, no desenvolvimento do assunto, nas citações, na apresentação das conclusões. Portanto, se é verdade que nem todos os alunos realizaram pesquisas de laboratório ou de campo, não é menos verdadeiro que todos, sem exceção, para elaborar os diversos trabalhos solicitados, deverão empreender pesquisas bibliográficas (ANDRADE, 2010, p. 25).

A pesquisa bibliográfica requer uma abordagem crítica e envolve a seleção cuidadosa das fontes mais relevantes e confiáveis. O pesquisador deve considerar a qualidade e a reputação dos autores, a contribuição dos materiais para o tema em

estudo e a atualidade das publicações. Sendo assim, a pesquisa bibliográfica é importante para estudos acadêmicos na construção de uma pesquisa científica. Posto isso, a pesquisa é fundamentada no estudo da teoria previamente publicada, sendo crucial que o pesquisador adquira conhecimento aprofundado sobre o assunto e sistematize todo o material em análise. Durante a realização da pesquisa bibliográfica, o pesquisador deve ler, refletir e escrever sobre o conteúdo estudado, dedicando-se ao estudo para reconstruir a teoria e aprimorar os fundamentos teóricos. É essencial que o pesquisador organize as obras selecionadas que contribuem para a construção da pesquisa por meio de fichas ou registro, como abordado por:

[...] registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utilizam-se dados de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir de contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos (SEVERINO, 2007, p. 122).

A pesquisa bibliográfica, conforme Amaral (2007),

[...] é uma etapa fundamental em todo trabalho científico que influenciará todas as etapas de uma pesquisa, na medida em que der o embasamento teórico em que se baseará o trabalho. Consistem no levantamento, seleção, fichamento e arquivamento de informações relacionadas à pesquisa (AMARAL, 2007, p. 1).

A pesquisa bibliográfica é primordial para qualquer tipo de pesquisa científica, à vista disso, para Lakatos e Marconi (2003, p. 183): “[...] a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”. A pesquisa bibliográfica, segundo Boccato (2006),

[...] busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica. Para tanto, é de suma importância que o pesquisador realize um planejamento sistemático do processo de pesquisa, compreendendo desde a definição temática, passando pela construção lógica do trabalho até a decisão da sua forma de comunicação e divulgação (BOCCATO, 2006, p. 266).

Uma vez que o tema tenha sido definido e delimitado, o pesquisador precisa traçar um caminho para desenvolvê-lo. Em qualquer pesquisa científica, é fundamental apresentar uma fundamentação teórica consistente ou uma revisão

bibliográfica realizada por meio da investigação de obras científicas já publicadas. Assim, o levantamento de informações sobre o estado da arte dos estudos sobre LIS foi feito com pesquisas bibliográficas essenciais para coletar informações relevantes que contribuam para a construção da pesquisa científica. Desse modo, ela desempenha um papel importante no levantamento de informações pertinentes, que auxiliam no desenvolvimento da pesquisa, na formulação do tema e na revisão bibliográfica ou quadro teórico. Segundo Bassegy (1990), uma pesquisa bem aprofundada tem como características mostrar que a investigação tem um conjunto de princípios e métodos como forma de observar e analisar.

A Pesquisa é sistemática porque a coleta e a análise dos dados são sustentadas por uma razão ou teoria. Ela é criticada porque os dados coletados devem estar submetidos a um exame cuidadoso feito pelo pesquisador com o propósito de assegurar que seja preciso e que represente que se aprender. Ela é autocrítica porque se espera que os pesquisadores usem a autocrítica nas decisões que tomam sobre a investigação (MOREIRA & CALEFFE, 2008, p. 18).

Cervo e Bervian (2002, p. 81) explicam que “[...] o tema de uma pesquisa é qualquer assunto que necessite de melhores definições, melhor precisão e clareza do que já existe sobre o mesmo”, um tema que seja relevante para a sociedade e para a pesquisa científica. Segundo Lakatos e Marconi (2003), escolher um tema significa:

- a) selecionar um assunto de acordo com as inclinações, as aptidões e as tendências de quem se propõe a elaborar um trabalho científico;
- b) optar por um assunto compatível com as qualificações pessoais, em termos de background da formação universitária e pós-graduada;
- c) encontrar um objeto que mereça ser investigado cientificamente e tenha condições de ser formulado e delimitado em função da pesquisa. (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 44-45).

Para Barreto e Honorato (1998):

A escolha de um tema representa a delimitação de um campo de estudo no interior de uma grande área de conhecimento, sobre o qual se pretende debruçar. É necessário construir um objeto de pesquisa, ou seja, selecionar uma fração da realidade a partir do referencial teórico-metodológico escolhido (BARRETO; HONORATO, 1998, p. 62).

Posto isto, nesta pesquisa, focaliza-se a temática da língua indígena de sinais - LIS, a partir de análise bibliográfica. Para tanto, esta pesquisa iniciou-se a partir da busca de obras já publicadas relevantes sobre o tema, auxiliando o pesquisador a analisar as aldeias que têm surdos. A definição do tema de pesquisa pode surgir a partir de uma dúvida, observação ou questionamento que o pesquisador teve durante seus estudos.

Essa dúvida ou questão pode estar relacionada ao cotidiano, ao ambiente profissional ou aos estudos.

Ao despertar o interesse em estudar línguas indígenas sinais, ergue-se como extrema relevância num contexto atual, em que pesquisadores estão tencionando na preservação e na valorização das línguas indígenas, isso pode apontar na sobrevivência e asserção de uma cultura e de um povo, assim, criando discussões e o entendimento da estrutura e funcionamento das línguas em geral, reafirmando diálogos e teorias. Em especial, no que concerne às línguas indígenas de sinais, Vilhalva aponta¹:

Podemos citar as Línguas de Sinais indígenas, praticadas pelos índios surdos existentes em diversas comunidades indígenas do país, onde cada uma delas traz consigo características culturais e linguísticas variadas, o que faz com que haja o interesse em registrá-las, assim como são registradas outras línguas brasileiras de diferentes comunidades, com suas especificidades culturais, étnicas, regionais etc. (VILHALVA, 2012, p. 15)

A língua falada pelos Terena é a mais importante fonte que se tem para se conhecer parte da história mais recente e também do passado mais distante.” (BITTENCOURT; LADEIRA, 2000, p. 11). De acordo com Rodrigues (2002), na região norte do Brasil, foram encontradas 10 possíveis línguas indígenas de sinais, que estão sendo estudadas pelos pesquisadores linguistas e antropólogos. A primeira busca, feita no site do IBGE, permitiu descobrir que não havia nenhum registro de população indígena surda. Com isso, foi organizado um cronograma de busca de materiais em diferentes sites com a temática “Índigena surdo” ou “língua indígena de sinais - LIS” e “línguas de sinais indígenas”.

A coleta de dados foi feita conforme o cronograma para essa etapa da pesquisa. A principal metodologia utilizada para a coleta de dados foi a leitura de materiais já existentes para uma análise etnográfica ou sociográfica.

As fontes de análises com a temática da língua indígena de sinais foram de Azevedo (2015); Bezerra (2021); Damasceno (2017); Vilhalva (2012); Pereira (2013); Godoy (2020); Eler (2017); Araújo e Oliveira (2021) e Giroletti (2008). Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram consultados os bancos de dados de repositórios institucionais do Banco Digital de Teses e Dissertações - BDTB, arquivos baixados das

¹ Nessa dissertação, adotamos LIS Línguas Indígenas de Sinais, mas autoras como Vilhalva usam LSI. Nas citações, serão mantidas as formas empregadas pelos autores/as.

plataformas periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Scientific Electronic Library Online (SciELO), Google Acadêmico. Como critérios de busca, utilizou-se as seguintes palavras-chave descritoras: “Comunidades de Indígenas Surdos”, “Línguas de Sinais Emergentes” e “Línguas de Sinais das Terras Indígenas”, identificando 53 trabalhos que, posteriormente, foram selecionados os trabalhos de Azevedo (2015); Bezerra (2021); Damasceno (2017); Lopes (2020); Vilhalva (2012); Pereira (2013); Godoy (2020); Eler (2017); Araújo e Oliveira (2021); Giroletti (2008). Num panorama nacional de mapeamento das comunidades de povos indígenas surdos brasileiros com estudos consolidados, Damasceno (2017) e Silva (2021) trazem as LSE e/ou LSTI distribuídas, geograficamente, por estados.

Desenvolver uma metodologia de pesquisa baseada em dados secundários é uma estratégia eficiente quando o objetivo é aproveitar informações existentes para formular respostas a perguntas de pesquisa sem a necessidade de coleta direta de novos dados. Esse tipo de pesquisa é particularmente útil quando se trata de questões que envolvem áreas amplas ou populações de difícil acesso, como pode ser o caso de línguas de sinais indígenas e políticas educacionais para surdos em comunidades indígenas. A definição clara das perguntas é extremamente importante para a pesquisa, como: (i) Quantas línguas de sinais indígenas já foram documentadas? (ii) Quais são as políticas existentes para documentação, registro e ensino dessas línguas? (iii) Como a Libras está influenciando os sinais nas comunidades indígenas? (iv) Quais são as práticas de ensino-aprendizagem para surdos indígenas?

Para realizar buscas sistemáticas nas bases de dados selecionadas usando palavras-chave como "línguas de sinais indígenas", "políticas educacionais para surdos", "influência da Libras" e "ensino de surdos em comunidades indígenas". Além de documentar todas as fontes relevantes e extrair dados pertinentes às perguntas de pesquisa, é importante avaliar a credibilidade das fontes dos dados e considerar a data de publicação para garantir que os dados sejam os mais atuais possíveis.

Ademais, considera-se necessário pensar em como sumarizar as informações coletadas para fornecer uma visão geral das línguas de sinais indígenas, políticas existentes e práticas de ensino. Identificando e analisando temas que emergem dos dados, particularmente em relação à influência da Libras e às práticas educacionais.

Para mais, esta pesquisa também teve o objetivo de comparar as políticas e práticas entre diferentes regiões ou grupos para identificar padrões ou discrepâncias, organizando, assim, os dados em uma estrutura lógica, apresentando as descobertas em relação a cada uma das perguntas de pesquisa.

2.1 Análise documental das obras adotados na pesquisa

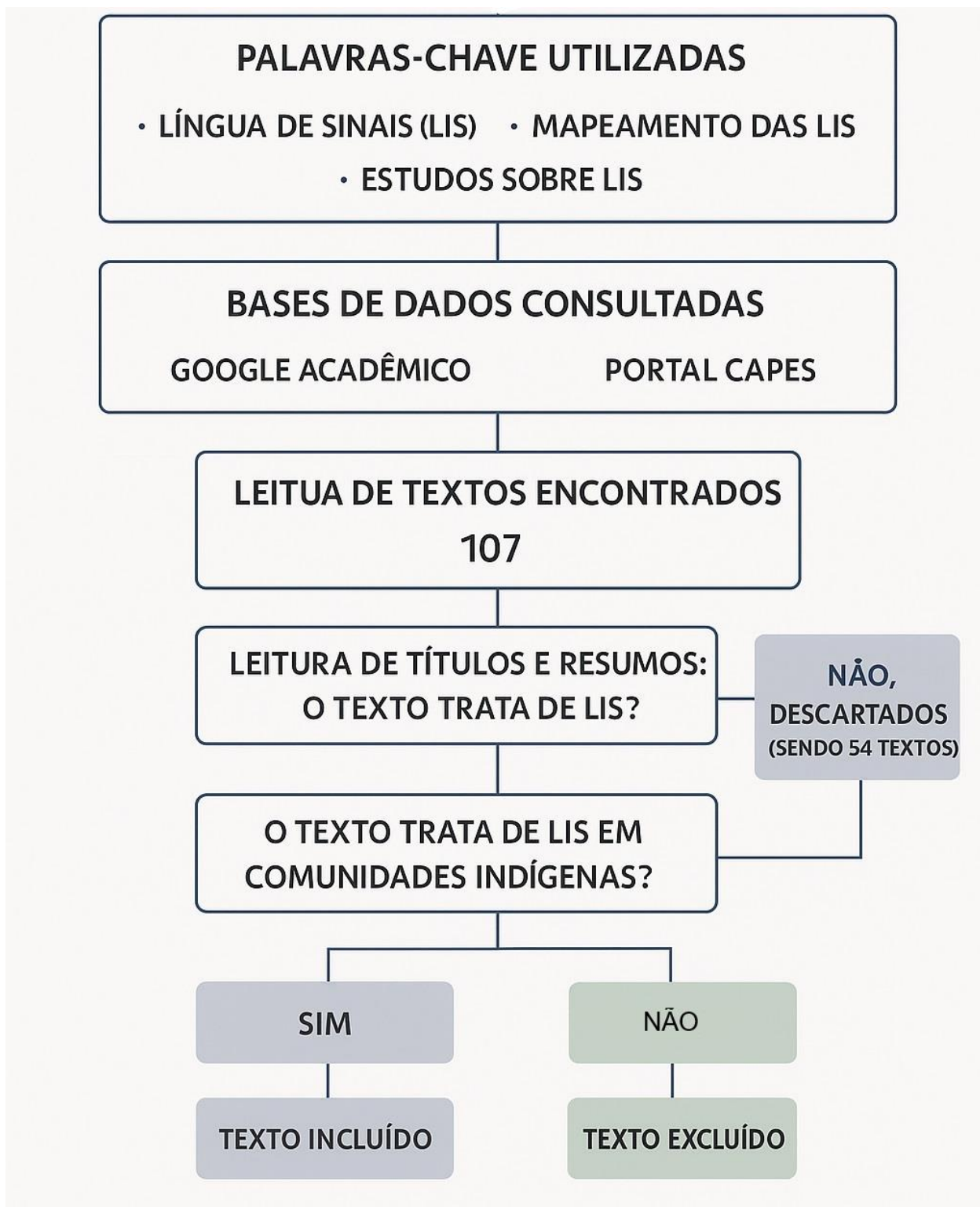
A pesquisa considera a relação entre povo, localização geográfica e troca linguística. A coleta de dados foi realizada por meio de análise documental, observação e entrevistas com membros da comunidade usuária da língua de sinais de cada obra adotada na pesquisa.

A identificação das línguas de sinais em diferentes regiões permitiu compreender como a localização influencia a troca de sinais entre comunidades. Foram analisados fatores históricos, sociais e culturais que impactam o desenvolvimento e a disseminação da língua de sinais, considerando também registros em SignWriting ou imagem para descrever e documentar os sinais encontrados.

2.2 Critérios de análise

As palavras-chave foram analisadas, foram procuradas nessas três plataformas, Google Scholar, Pesis e Dissertações. Com base na análise dos títulos, chegamos a 107 textos, cujos resumos foram lidos. A partir da leitura dos resumos, observou-se um grande número de produções que não correspondiam ao esperado. Observou-se muitas produções em que o título não correspondia ao texto, considerado nosso primeiro critério de exclusão. Desse primeiro crivo, restaram 53 textos. O fluxograma abaixo sistematiza os procedimentos de seleção de material de análise

Figura 1: Fluxograma de análise



2.3 Textos que fizeram parte da pesquisa.

Foram utilizados os textos na pesquisa, levando em consideração que ofereceram uma base teórica sólida e contribuem diretamente para os objetivos da pesquisa. Os autores selecionados são referências importantes na área e suas abordagens dialogam com as questões centrais da pesquisa. Além disso, os textos apresentam perspectivas complementares e dados relevantes que enriqueceram as análises, permitindo uma compreensão mais aprofundada do tema estudado. Cada um deles foi essencial para sustentar os argumentos e fundamentar as conclusões da pesquisa. Descartei outros textos que, embora relevantes, não dialogavam diretamente com as questões centrais do estudo ou não apresentavam abordagens inovadoras que agregassem valor à análise. As escolhas foram guiadas pela necessidade de construir uma argumentação consistente, baseada em autores e obras que se alinham aos objetivos da pesquisa e às reflexões que proponho desenvolver.

Quadro 1: Análise crítica dos textos

Nº	Autor (data)	Título	número de páginas	TIPO DE MATERIAL	selecionado? (Sim ou não)	Porque não usei
1	ARAÚJO (2018)	A escolarização de indígenas terena surdos: desafios e contradições na atuação do tradutor intérprete de línguas de sinais – tils	148	Dissertação	NÃO	Não falava sobre Lis.
2	ARAÚJO (2020)	Fonologia e morfologia da língua maxakali	155	Dissertação	NÃO	Não falava sobre Lis.
3	ARAÚJO (2023)	Combatendo o apagamento linguístico: as línguas indígenas de sinais no Brasil	24	Artigo	NÃO	Não falava sobre Lis. Dados incompletos.
4	ARAÚJO E OLIVEIRA (2021)	Línguas de sinais emergentes no Brasil: o caso da língua de sinais macuxi	17	Artigo	SIM	

5	AZEVEDO (2015)	Mapeamento e contribuições linguísticas do professor surdo aos índios surdos da etnia sateré-mawé na microrregião de Parintins	115	Dissertação	SIM	
6	AZEVEDO (2015)	Mapeamento e contribuições linguísticas do professor surdo aos índios surdos da etnia sateré-mawé na microrregião de Parintins	115	Dissertação	SIM	
7	BARBOSA, FISTAROL E SILVEIRA (2020)	Línguas de herança e de imigração: notas sobre comunidades linguísticas e (co) existência sociocultural no Brasil	24	Artigo	NÃO	Não falava sobre Lis.
8	BARRETOS (2016)	A situação de comunicação dos akwẽ-xerente surdos	100	Dissertação	SIM	
9	BARROSO (2022)	Educação escolar de indígenas surdos: um olhar para o contexto apinajé	98	Dissertação	NÃO	Não falava sobre Lis.
10	BENTES (2018)	Wapixana: uma comunidade e uma língua	20	Artigo	SIM	
11	BENTES, LOBATO E NASCIMENTO (2020)	Tradução dos sinais-termos das expressões regionais de Santarém/PA e Boa Vista/RR	12	Artigo	NÃO	Não falava sobre Lis.

12	BRUNO (2016)	Discursos e práticas na inclusão de índios surdos em escolas diferenciadas indígenas	13	Artigo	NÃO	Não falava sobre Lis.
13	BRUNO E LIMA (2015)	As formas de comunicação e de inclusão da criança kaiowá surda na família e na escola: um estudo etnográfico	16	Artigo	NÃO	Não falava sobre Lis.
14	CARLIEZ, FORMIGOSA E CRUZ (2016)	Acessibilidade e igualdade de oportunidades às microcomunidades surdas Brasileiras: rumo ao reconhecimento reconhecimento das línguas de sinais praticadas pelos Porto de Galinhas-PE	16	Artigo	SIM	Não falava sobre Lis.
15	CERQUEIRA E TEIXEIRA (2016)	Conicidade e realidade: um olhar sobre a produção de sinais dos surdos do município de cruzeiro do Sul/AC	26	Artigo	NÃO	Não falava sobre Lis.
16	COELHO (2011)	A constituição do sujeito surdo na cultura guarani-kaiowá: os processos próprios de interação e comunicação na família e na escola	127	Dissertação	NÃO	Não falava sobre Lis.
17	COELHO (2019)	A educação escolar de indígenas surdos guarani e kaiowá: discursos e práticas de inclusão	159	Tese	NÃO	Não falava sobre Lis.

18	COELHO E BRUNO (2013)	A constituição do sujeito surdo na cultura guarani-kaiowá: os processos próprios de interação e comunicação na família e na escola	18	Artigo	NÃO	Não falava sobre Lis.
19	COLADINE (2020)	Língua de sinais paiter suruí: sinais do ambiente escolar.	5	Artigo	NÃO	Não falava sobre Lis. Poucos dados.
20	COMAPA (2022)	Trajetórias, identidades e narrativas: aproximações das histórias de aprendizagem de português por um surdo e uma indígena ouvinte	57	Tcc	NÃO	Não falava sobre Lis.
21	COSTA, NASCIMENTO E PRATES (2021)	Karai je'eha jakwarahã! (comunique-se bem!): um estudo sobre as línguas de sinais das terras indígenas	16	Artigo	NÃO	Não falava sobre Lis.
22	CUNHA (2013)	Artesanato pataxó: diversidade de materiais, práticas culturais em processo	110	Dissertação	NÃO	Não falava sobre Lis.
23	DA SILVA (2022)	Multilinguismo do estado do maranhão: a dinâmica da libras, língua de sinais kaapor e língua portuguesa no dialeto maranhense	17	Artigo	NÃO	Não falava sobre Lis.
24	DA SILVA COSTA (2022)	Etnoterminologia de etnias das línguas de sinais das terras indígenas Brasileiras	Foi encontrado na busca, porém, não foi encontrado o texto.			

25	DA SILVA GARCIA (2024)	Levantamento das línguas de sinais indígenas já catalogadas no Brasil	87	Dissertação	NÃO	Não falava sobre Lis.
26	ELER (2020)	Língua de sinais Paiter Suruí	83	Livro	SIM	
27	FERREIRA (2021)	Minidicionário digital da língua de sinais munduruku	155	Dissertação	NÃO	A informação sobre LIS estava incompleta no resumo; faltavam detalhes importantes.
28	GARCIA (2024)	Levantamento das línguas de sinais indígenas já catalogadas no Brasil	99	Dissertação	NÃO	O resumo não explicava como seria a coleta de dados.
29	GIROLETTI (2008)	Cultura surda e educação escolar kaingang	208	Dissertação	SIM	
30	GODOY (2020)	Os ka'apor, os gestos e os sinais	385	Tese	SIM	
31	GOMES (2020)	Introdução histórica da língua de sinais ka'apor	9	Artigo	NÃO	Faltou informações mais completas.
32	GOMES, VILHALVA (2021)	As línguas de sinais indígenas em contextos interculturais coleção registros de estudos e pesquisas das línguas de sinais indígenas no Brasil volume 2	115	Livro	NÃO	A informação sobre Lis estava incompleta no resumo; faltavam detalhes importantes.

33	JUNIOR (2021)	Nomeação de lugares na língua de sinais Brasileira. Uma perspectiva de toponímia por sinais	346	Dissertação	NÃO	Não falava sobre Lis.
34	LIMA (2013)	A criança indígena surda na cultura guarani-kaiowá: um estudo sobre as formas de comunicação e inclusão na família e na escola	124	Dissertação	SIM	
35	LOPES (2020)	Levantamento terminológico em libras para os termos indígenas dos tapeba	70	TCC	NÃO	Não falava sobre Lis.
36	LOPES (2020)	Levantamento terminológico em libras para os termos indígenas dos tapeba	70	TCC	NÃO	Não falava sobre Lis.
37	LOPES, SOUZA E LIMA (2021)	Primeiras experiências de educação escolar tapeba: memórias e relatos	10	Artigo	NÃO	Não falava sobre Lis.
38	MOURA E GOMES (2020)	Mapeamento das línguas de sinais indígenas no povo xukuru do ororubá no contexto dos estudos surdos	14	Artigo	SIM	
39	PATAXÓ (2011)	Inventário cultural pataxó	112	Livro	NÃO	Não falava sobre Lis.

40	PERREIRA (2013)	“Fazendo cena na cidade dos mudos”: surdez, práticas sociais e uso da língua em uma localidade no sertão do Piauí	418	Tese	NÃO	Não falava sobre LIS. A comunidade não se reconhece como indígenas.
41	QUADROS (2019)	Línguas de sinais de comunidades isoladas encontradas no Brasil	17	Artigo	NÃO	Não falava sobre Lis.
42	RAMOS (2022)	Libras: a língua de sinais dos surdos brasileiros	15	Artigo	NÃO	Não falava sobre Lis.
43	RIBEIRO (2014)	Glossário bilíngue da língua de sinais Brasileira: criação de sinais dos termos da música	107	Dissertação	NÃO	A informação sobre Lis estava incompleta no resumo; faltavam detalhes importantes.
44	SILVA E NEVINS (2020)	Observações sobre a estrutura linguística da cena: a língua de sinais emergente da várzea queimada (Piauí, Brasil)	25	Artigo	NÃO	Não falava sobre Lis.
45	SILVA E QUADROS (2019)	Línguas de sinais de comunidades isoladas encontradas no Brasil	17	Artigo	NÃO	Não falava sobre Lis.
46	SOARES (2018)	Língua terena de sinais: análise descritiva inicial da língua de sinais usada pelos terena da terra indígena cachoeirinha	214	Tese	SIM	
47	SOUSA E SANTOS (2018)	A autorrepresentação do sujeito surdo na autobiografia da autora surda shirley vilhalva	12	Artigo	NÃO	Não falava sobre Lis.

48	SOUZA (2006)	Língua de sinais e escola: considerações a partir do texto de regulamentação da língua Brasileira de sinais	17	Artigo	NÃO	Não falava sobre Lis.
49	SUMAIO (2014)	Sinalizando com os terena: um estudo do uso da libras e de sinais nativos por indígenas surdos	232	Livro	NÃO	Não falava sobre Lis.
50	SUMAIO (2014)	Sinalizando com os terena: um estudo do uso da libras e de sinais nativos por indígenas surdos	124	Dissertação	NÃO	Não falava sobre Lis.
51	VILHALVA (2009)	Mapeamento das línguas de sinais emergentes: um estudo sobre as comunidades linguísticas indígenas de mato grosso do Sul	137	Dissertação	SIM	
52	VILHALVA (2009)	Mapeamento das línguas de sinais emergentes: um estudo sobre as comunidades linguísticas indígenas de mato grosso do Sul	137	Dissertação	NÃO	Material em análise primária.
53	VILHALVA (2024)	Objetos digitais e multiletramentos para o ensino de línguas na educação de indígenas surdos: desafios e proposições	133	Tese	NÃO	Não falava sobre Lis.

2.4 Organização do Material de Pesquisa

Durante a leitura de obras publicadas sobre as línguas de sinais indígenas por região, teve como objetivo compreender a diversidade linguística e cultural das comunidades indígenas que utilizam sistemas de comunicação visual-gestual. Diferente da Língua Brasileira de Sinais (Libras), que é amplamente reconhecida e utilizada no Brasil, as línguas indígenas de sinais são frequentemente desconhecidas e pouco documentadas.

Ao segmentar a pesquisa por região, foi possível identificar variações e particularidades das línguas de sinais dentro de diferentes comunidades indígenas.

Algumas regiões apresentam maior preservação dessas línguas devido ao isolamento geográfico e ao forte apego às tradições culturais. Em outras áreas, observa-se uma influência crescente de outras línguas de sinais, como a Libras, devido ao contato com instituições de educação e políticas de inclusão social.

Os resultados demonstram que essas línguas de sinais são fundamentais para a identidade cultural dos povos indígenas e desempenham um papel essencial na transmissão de conhecimentos, histórias e tradições. No entanto, a falta de reconhecimento oficial e de políticas de preservação coloca muitas dessas línguas em risco de extinção. Portanto, a pesquisa reforça a necessidade de iniciativas voltadas à documentação, preservação e valorização das línguas indígenas de sinais. A conscientização sobre sua importância pode contribuir para o fortalecimento dessas comunidades e para a promoção da diversidade linguística no Brasil.

Para cada povo mencionado, apresenta-se o sinal que nomeia o povo em Libras, com uma pequena descrição da iconografia do sinal. Para tanto, utiliza-se a SignWriting, pelo fato de ser mais disponível a representação dos sinais nessa forma de escrita do que em outras formas de escrita. A partir de informações obtidas no site do Instituto Socioambiental, também se apresenta a localização geográfica do povo e a filiação linguística da língua oral usada pelo povo mencionado.

A escolha de incluir imagens do SignWriting no meu texto foi feita com o intuito de tornar a representação dos sinais mais acessível e visualmente clara. O SignWriting é um sistema de escrita que registra sinais das línguas de sinais de forma gráfica, permitindo que a Libras e outras línguas sinalizadas sejam lidas e escritas de maneira estruturada. Ao inserir essas representações, busquei valorizar a identidade visual dos sinais, possibilitando que leitores que conheçam o sistema reflitam sobre os sinais diretamente. Além disso, para aqueles que não estão familiarizados com a escrita de sinais, há fiscalizações que explicam os movimentos e motivações por trás de cada sinal escolhido. Dessa forma, o texto se torna mais inclusivo, permitindo que tanto surdos quanto ouvintes compreendam melhor as escolhas e significados das representações utilizadas.

3. POR UM LEVANTAMENTO DAS LÍNGUAS INDÍGENAS DE SINAIS - LIS ENCONTRADAS

A documentação sobre as línguas de sinais indígenas ainda é bastante limitada, e a quantidade precisa pode variar dependendo das fontes e da definição do que constitui uma língua indígena de sinais. Existem relatos de comunidades indígenas que usavam línguas de sinais. Por exemplo, línguas indígenas de sinais como a língua de sinais Ka'apor e a língua de sinais Terena foram identificadas e estudadas no Brasil.

Muitas dessas línguas não são reconhecidas oficialmente e podem não ter sistemas de ensino formal. A UNESCO e outras organizações destacam a importância de preservar as línguas minoritárias, incluindo as línguas de sinais, como parte do patrimônio cultural imaterial. No entanto, recursos, acessibilidade e priorização política são frequentemente obstáculos na execução prática dessas políticas.

Por essa razão, poucos registros foram feitos nessa diversidade linguística. Para preservar sua língua e idioma, pesquisadores e grupos indígenas lutam por um reavivamento étnico e linguístico. Como mencionado anteriormente, apenas a língua de sinais do povo Urubu-Kaapor é bem registrada. Vilhalva (2012) diz que, em aldeias indígenas no Mato Grosso do Sul, pesquisadores descobriram que os índios surdos usam sinais emergentes que ainda não foram oficialmente documentados como uma língua.

Existem poucos registros sobre índios surdos e muito menos sobre a língua ou a maneira como eles se comunicam. Uma pesquisa *in loco* é necessária para encontrar dados sobre índios surdos, pois não há registros sobre eles nem no *Anuário Estatístico do Amazonas* do IBGE nem na Fundação Nacional do Índio (FUNAI).

3.1 Alguns estudos acerca das línguas indígenas de sinais.

Baseando-se nos estudos da sociolinguística e na etnografia, podemos afirmar que a língua e a sociedade são duas realidades intrínsecas, e mesmo com suas particularidades sociais, são onde a comunicação flui. Nesse sentido, vale destacar que a mudança linguística é causada por pressões sociais observáveis e

descritas, como LABOV (1969), demonstrou em seu texto clássico de 1969, “*The logic of nonstandard English*”. (LABOV, 1969).

O estudo da sociolinguística permite uma investigação das Atitudes Linguísticas, do Percurso Linguístico de uma comunidade específica e dos Dialetos Sociais encontrados em qualquer comunidade linguística. A sociolinguística estuda os padrões sociais que moldam a realidade e/ou o futuro da linguagem de uma população.

Portanto, podemos dizer que a sociolinguística estuda linguagem, língua, preconceitos, sociedade, poder, ensino, qualidade de vida, atitudes linguísticas e caminho linguístico. Assim, podemos dizer que os estudos sociolinguísticos são os meios pelos quais uma comunidade linguística e sua história podem ser descritas.

Analisando as obras publicadas e documentos das secretarias de educação dos estados, onde foram encontrados estudiosos e pesquisadores antropólogos e linguistas que definiram ou estudaram as possíveis línguas indígenas de sinais que foram apresentadas em suas obras publicadas, a principal região do país que foi analisada quanto às possíveis línguas de sinais foi o Norte, nos estados do Amazonas e Roraima. Foram observados também que, na região norte do país, as secretarias da educação (SEDUC) de cada estado têm edital específico para povos indígenas e comunidades tradicionais, segundo o Ministério da Educação (2017).

A Educação Escolar indígena é uma modalidade da educação básica que garante aos indígenas, suas comunidades e povos a recuperação de suas memórias históricas, reafirmação de suas identidades étnicas, a valorização de suas línguas e ciências, bem como o acesso às informações, conhecimentos técnicos e científicos da sociedade nacional e demais sociedades indígenas e não-índias.

Segundo o Censo (2022), das 178,3 mil escolas de ensino básico, 3.541 (1,9%) estão localizadas em terra indígena — ministram conteúdo específico e diferenciado, de acordo com aspectos etnoculturais — e 3.597 (2%) oferecem educação indígena, por meio das redes de ensino.

No entanto, sobre os indígenas surdos, não foi encontrado nenhum projeto ou edital que fosse específico para a educação das comunidades de indígenas surdos, apenas editais que organizam atendimentos nas escolas da rede pública na cidade, que direcionam tradutores/instrutores da língua de sinais Libras para acompanhar os estudos dos estudantes surdos.

As línguas indígenas de sinais são sistemas linguísticos gestuais utilizados por comunidades surdas indígenas no Brasil. Assim como a Língua Brasileira de

Sinais (Libras) é a língua de sinais utilizada pela comunidade surda brasileira em geral, as comunidades indígenas podem desenvolver suas próprias línguas de sinais, adaptadas às suas necessidades e contextos culturais específicos. Essas línguas são consideradas línguas minoritárias, pois são utilizadas por grupos linguísticos minoritários dentro da sociedade brasileira. Devido à sua natureza minoritária, as línguas indígenas de sinais ainda são pouco conhecidas e documentadas, o que tem motivado a realização de estudos e pesquisas para descrever e documentar essas línguas.

Para Quadros e Cruz (2011) ressaltar que todas as línguas indígenas de sinais são também línguas de sinais emergentes², ou seja, são sistemas linguísticos gestuais que surgem em contextos específicos, como comunidades isoladas, vilas, aldeias ou em áreas rurais, e que ainda não foram documentadas ou descritas de forma sistemática. Assim como as línguas indígenas orais e a Língua Brasileira de Sinais (Libras), todas as línguas de sinais emergentes (indígenas ou não-indígenas) são consideradas línguas minoritárias, pois são utilizadas por grupos linguísticos minoritários dentro da sociedade brasileira. Apesar de ainda serem pouco conhecidas e documentadas, as línguas de sinais emergentes têm despertado o interesse de pesquisadores e estudiosos da área, que buscam compreender melhor a sua estrutura linguística e as particularidades de cada língua. É importante destacar que as línguas de sinais emergentes apresentam desafios para as políticas linguísticas e as ações de documentação, descrição e revitalização linguística, uma vez que muitas vezes são línguas jovens, com uma duração relativamente curta de existência e que ainda não possuem um número significativo de falantes. Portanto, é fundamental que sejam realizados esforços para valorizar e preservar essas línguas, reconhecendo a sua importância para a diversidade linguística e cultural do Brasil. Este reconhecimento contribui para a promoção da diversidade linguística e cultural, além de garantir o respeito e a valorização das comunidades surdas que utilizam essas línguas.

Os interesses por essas línguas têm crescido, e pesquisadores têm se dedicado a estudar e documentar as línguas de sinais emergentes, buscando compreender sua estrutura linguística e suas particularidades. É importante ressaltar

² As Línguas de Sinais Emergentes (LSEs) são sistemas de comunicação manual que surgem em comunidades surdas. Elas surgem em locais isolados, livres de influências externas.

que as línguas de sinais emergentes apresentam desafios para as políticas linguísticas e as ações de documentação, descrição e revitalização linguística, devido à sua natureza jovem e ao reduzido número de falantes. Portanto, é fundamental que sejam realizados esforços para valorizar e preservar essas línguas, reconhecendo a sua importância para a diversidade linguística e cultural do Brasil. Esses esforços contribuem para a promoção da diversidade linguística e cultural, além de garantir o respeito e a valorização das comunidades surdas que utilizam essas línguas.

Na continuidade deste trabalho, vamos apresentar os dados obtidos sobre línguas indígenas de sinais nas regiões do Brasil. Interessa a esse trabalho observar as disparidades entre a Libras e as línguas indígenas de sinais, e como essas diferenças podem afetar a identidade e a inclusão social dos surdos.

Posto isso, as contradições presentes nas políticas linguísticas que nem sempre consideram a diversidade das experiências dos surdos, levando a abordagens que podem marginalizar as línguas de sinais locais em favor da Libras. Assim sendo, as narrativas e histórias das comunidades indicam como a história coletiva e as particularidades dos surdos se entrelaçam, contribuindo para uma compreensão holística de sua identidade cultural. Isto posto, a relevância das experiências individuais dos surdos e como elas se conectam com as narrativas comunitárias.

Embora a necessidade de reconhecer e preservar as línguas indígenas de sinais, como parte fundamental da herança cultural, é importante reconhecer que cada comunidade indígena e, no âmbito individual, cada indígena surdo precisa ter a oportunidade de conhecer as línguas indígenas da comunidade (se houver) e a Libras. O papel da educação e das políticas públicas na promoção dessas línguas é destacado como vital para fomentar uma identidade cultural rica e diversificada, refletindo a intersecção entre língua, cultura e identidade na experiência dos surdos indígenas. Vale ressaltar a necessidade de uma abordagem inclusiva e respeitosa para garantir a valorização das línguas de sinais indígenas. É importante perceber e analisar a realidade das comunidades surdas em contextos indígenas, abordando suas experiências, desafios e as contradições nas políticas linguísticas.

Pensando no conhecimento e experiência dos surdos nas comunidades indígenas, enfatiza-se a importância da língua de sinais como um meio essencial de comunicação e

expressão cultural. Podemos descrever como as línguas de sinais são utilizadas no cotidiano, destacando a necessidade de reconhecer essas línguas como parte integral da identidade cultural indígena. A língua de sinais passa a ser vista não apenas como uma ferramenta de comunicação, mas também como um elemento fundamental que conecta os indivíduos à sua cultura e tradição. A convivência entre as línguas indígenas de sinais e a Língua Brasileira de Sinais (Libras) é um aspecto central. Muitas vezes, a Libras pode acabar se impondo sobre as línguas de sinais locais, o que pode levar à marginalização das formas de comunicação tradicionais e à perda de elementos culturais significativos.

Para as políticas linguísticas, apesar de serem formuladas para apoiar a inclusão dos surdos, frequentemente falham em reconhecer a pluralidade das experiências e línguas em contextos indígenas. As políticas geralmente são uniformes, desconsiderando as nuances culturais e linguísticas que caracterizam as línguas indígenas de sinais. Essa falta de atenção à diversidade cultural resulta em um tratamento inadequado das necessidades dos surdos nas comunidades indígenas.

No Brasil, onde a ideologia da 'língua única', desde tempos coloniais, tem camuflado a realidade plurilingue do país, parecia haver pouco lugar para as questões empíricas e teóricas levantadas pelos estudiosos das políticas linguísticas. (CALVET, 2007)


A língua de sinais não é apenas uma forma de comunicação, mas uma representação da cosmovisão do povo indígena, refletindo suas crenças, valores e tradições. Por isso, é necessário fomentar a importância da preservação das línguas indígenas de sinais como parte essencial do patrimônio cultural, e a educação deve desempenhar um papel central na valorização dessas línguas e na promoção de políticas públicas que respeitem e integrem a diversidade das experiências de língua de sinais nas comunidades indígenas. O respeito à pluralidade linguística e a inclusão das línguas de sinais específicas são fundamentais para garantir a identidade e os direitos dos surdos.

Sendo assim, há a necessidade de sensibilização das comunidades sobre a importância da inclusão dos surdos e suas línguas de sinais. A formação de professores indígenas para lidar com a diversidade linguística e cultural é destacada como uma estratégia vital para promover uma educação inclusiva e equitativa, que reconheça e valorize as particularidades de cada grupo. Assim, fornecem uma visão abrangente dos desafios e conquistas dos surdos nas comunidades indígenas, ressaltando a necessidade de um comprometimento maior com políticas linguísticas diversificadas que atendam às demandas específicas desses grupos.

3.2 Línguas de Sinais Indígenas da Região Norte.

Nesta seção, apresentamos estudos acerca das línguas indígenas de sinais encontradas na região norte do país. Alguns estudos abordam as línguas propriamente ditas, e outros, a sua maioria, abordam questões a respeito da educação dos surdos em aldeias localizadas no Amazonas, Pará, Roraima e Tocantins. Mais especificamente, trataremos da situação linguística dos povos Sateré-Mawé (tronco Tupi, família Maweti), habitante do estado do Amazonas; Akwẽ-Xerente (tronco Macro-Jê, família Jê), Macuxi (família Karib) e Wapixana (família Arawak).

Quadro 2 - Língua indígena de sinal do povo Sateré-Mawé.

	<p>Povo: Sateré-Mawé Família Linguística da língua oral: Maweti-Guarani Tronco: Tupi</p> <p>Localização: TI Andirá-Marau, localizada na fronteira dos estados do Amazonas e do Pará, e um pequeno grupo na TI Coatá-Laranjal, território que dividem com o povo Munduruku</p>	<p>Descrição do Sinal: Luvas de palha do ritual das tuncadeiras (formigas utilizadas no ritual)</p>
--	---	--

Fonte das informações sobre o povo: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Sateré-Mawé> Fonte do sinal: SignWriting Costa et al. (2022)

Azevedo (2015), que pesquisou a LIS na região norte do país, mais especificamente sobre a situação dos indígenas surdos do povo Sateré-Mawé na microrregião de Parintins, apresenta várias observações importantes. O povo Sateré-Mawé pertence ao tronco Tupi, na família linguística Maweti-Guarani, e habita majoritariamente a Terra Indígena Andirá-Marau, localizada na fronteira entre os estados do Amazonas e do Pará. Nesta seção, apresentamos os principais estudos. Uma das principais observações é a falta de políticas linguísticas inclusivas para os indígenas surdos, o que dificulta a inclusão desses indivíduos na sociedade e no sistema educacional. Além disso, a pesquisa destaca a falta de formação adequada para professores e educadores que trabalham com surdos indígenas, bem como a

falta de materiais didáticos e recursos pedagógicos adequados para o ensino de surdos indígenas. Outro resultado importante da pesquisa é a proposta de um dicionário trilingue indígena em Saterê-Mawé, Libras e Língua Portuguesa, que pode contribuir para a inclusão linguística e cultural dos surdos indígenas na região.

Essa proposta pode ajudar a superar as barreiras linguísticas e culturais que impedem a comunicação e a interação dos surdos indígenas com suas comunidades e com a sociedade em geral. Em resumo, os resultados da pesquisa apontam para a necessidade de políticas linguísticas inclusivas e de recursos pedagógicos adequados para o ensino de surdos indígenas, bem como para a valorização da cultura e da língua indígena.

Em síntese, os resultados da pesquisa ressaltam a necessidade premente de políticas linguísticas inclusivas e de recursos pedagógicos adequados para o ensino de surdos indígenas, além da valorização da cultura e da língua indígena. A pesquisa realizada sobre os sinais caseiros de indígenas surdos Saterê-Mawé na microrregião de Parintins, teve como objetivo principal coletar e descrever os gestos caseiros utilizados pelos surdos indígenas para se comunicarem em suas comunidades. Esses gestos caseiros são considerados uma forma de linguagem emergente, pois surgem naturalmente da necessidade de comunicação e interação dos indígenas surdos em seu ambiente social e cultural.

Durante a pesquisa, foram identificados vários sinais caseiros usados pelos indígenas surdos Saterê-Mawé, como o sinal para "água", que é realizado com as duas mãos em formato de concha, simulando a ação de beber algo. Esses sinais caseiros desempenham um papel crucial na comunicação dos surdos indígenas em suas comunidades, permitindo-lhes expressar conceitos e interagir com seus pares de forma significativa. É importante ressaltar que, embora esses sinais caseiros sejam fundamentais para a comunicação interna das comunidades surdas, eles nem sempre são compreendidos por pessoas que não pertencem a essas comunidades. Por conta disso, a pesquisa destaca a necessidade de reconhecer e valorizar os sinais caseiros como uma forma legítima de linguagem e comunicação dos surdos indígenas, visando promover a inclusão linguística e cultural desses indivíduos na sociedade em geral. Reconhecer e respeitar a diversidade linguística e cultural dos surdos indígenas é essencial para garantir sua plena participação e integração na sociedade.

A pesquisa do Azevedo (2015), sobre os sinais caseiros dos surdos indígenas Sateré-Mawé na microrregião de Parintins destaca a importância de reconhecer a diversidade linguística e cultural dos surdos em todo o Brasil. Embora o foco da pesquisa seja específico, é crucial compreender que os surdos em outras cidades e regiões do Brasil também utilizam sinais caseiros para se comunicarem, e que esses sinais podem variar de acordo com a cultura e a língua de sinais local, assim como com as necessidades e experiências individuais dos surdos.

O autor traz em seu trabalho que a iconicidade e arbitrariedade desempenham papéis fundamentais na criação dos sinais caseiros utilizados pelos surdos. A iconicidade refere-se à capacidade de um sinal em representar visualmente o objeto, a ação ou o conceito ao qual se refere. Por exemplo, um sinal caseiro para "água" pode ser icônico ao reproduzir visualmente a ação de beber água, estabelecendo uma relação direta entre o sinal e seu significado. Por outro lado, a arbitrariedade está presente quando não há uma relação direta entre o sinal e seu significado, ou seja, o sinal é convencional e não possui uma conexão intrínseca com o objeto, a ação ou o conceito que representa. A arbitrariedade dos sinais caseiros pode variar de acordo com a comunidade surda e suas experiências individuais.

É importante destacar que tanto os sinais icônicos quanto os arbitrários desempenham um papel crucial na comunicação e expressão dos surdos, permitindo-lhes interagir e compartilhar significados em seu ambiente social e cultural. A compreensão da iconicidade e arbitrariedade na criação dos sinais caseiros contribui para uma apreciação mais profunda da riqueza e complexidade da linguagem gestual utilizada pelos surdos em suas comunidades, promovendo o reconhecimento da diversidade linguística e cultural presente nesse contexto. Na pesquisa, podemos encontrar também a importância da intervenção e contribuição linguística do professor surdo junto aos indígenas surdos da etnia Sateré-Mawé, que vão desempenhar um papel crucial no contexto da educação e preservação da língua de sinais. A presença do professor surdo é significativa, pois ele compartilha não apenas a língua de sinais, mas também vivências e experiências comuns aos surdos, facilitando a comunicação e a compreensão mútua.

A atuação do professor surdo possibilita uma abordagem pedagógica mais alinhada com as necessidades linguísticas e culturais dos indígenas surdos, contribuindo para a valorização e fortalecimento da identidade surda dentro da

comunidade Sateré-Mawé. Além disso, a intervenção do professor surdo promove a inclusão e a acessibilidade linguística, permitindo que os indígenas surdos desenvolvam suas habilidades comunicativas e participem ativamente da vida social e educacional em sua comunidade.

A contribuição linguística do professor surdo também se reflete na promoção da língua de sinais como um elemento central da identidade surda, possibilitando a transmissão e preservação da cultura surda entre os indígenas Sateré-Mawé. Dessa forma, a atuação do professor surdo representa um avanço significativo na garantia dos direitos linguísticos e educacionais dos surdos, contribuindo para a construção de uma sociedade mais inclusiva e diversificada. Em suma, a presença e atuação do professor surdo são fundamentais para o fortalecimento da identidade surda e para a promoção da inclusão e acessibilidade linguística dentro da comunidade indígena Sateré-Mawé.

Essa explicação se refere à importância da pesquisa sobre o mapeamento e contribuições linguísticas do professor surdo aos indígenas surdos do povo Sateré-Mawé na microrregião de Parintins. A presença do professor surdo nesse contexto é fundamental, pois ele compartilha não apenas a língua de sinais, mas também vivências e experiências comuns aos surdos, o que facilita a comunicação e a compreensão mútua.

A atuação do professor surdo possibilita uma abordagem pedagógica mais alinhada com as necessidades linguísticas e culturais dos indígenas surdos, contribuindo para a valorização e fortalecimento da identidade surda dentro da comunidade Sateré-Mawé. Além disso, a intervenção do professor surdo promove a inclusão e a acessibilidade linguística, permitindo que os indígenas surdos desenvolvam suas habilidades comunicativas e participem ativamente da vida social e educacional em sua comunidade.

Em resumo, a pesquisa sobre o mapeamento e contribuições linguísticas do professor surdo aos indígenas surdos do povo Sateré-Mawé na microrregião de Parintins é de extrema importância para a promoção da inclusão e acessibilidade linguística dentro da comunidade indígena. A atuação do professor surdo representa um marco significativo na garantia dos direitos linguísticos e educacionais dos surdos, contribuindo para a construção de uma sociedade mais inclusiva e diversificada. Portanto, a pesquisa reconhece o papel crucial da Libras como meio de comunicação

e expressão para os surdos indígenas do povo Sateré-Mawé, e destaca a importância do professor surdo na promoção da inclusão e no fortalecimento da identidade surda dentro da comunidade.

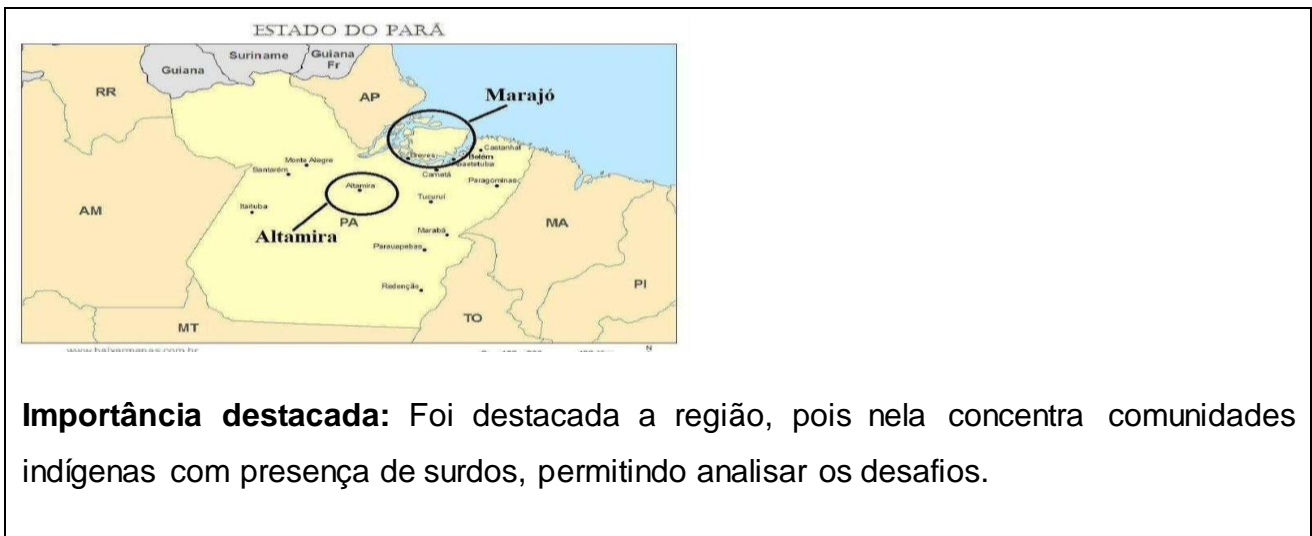
O quadro abaixo apresenta um resumo dos principais pontos destacados por Azevedo (2015):

Quadro 3: Educação de Surdos: Línguas, Desafios e Propostas

Povo	Sateré-Mawé (tronco Tupi, família Maweti)
Principal fonte pesquisada	Azevedo (2015)
Línguas usadas pelos surdos Sateré-Mawé	Libras e sinais caseiros do povo Sateré-Mawé
Informações sobre educação do surdo Sateré-Mawé	<ul style="list-style-type: none"> • Presença de professor surdo • Falta de materiais didáticos e recursos pedagógicos adequados para o ensino de surdos indígenas. • Proposta de dicionário trilingue indígena em Sateré-Mawé, Libras e Língua Portuguesa

Quadro criado pela autora.

Figura 2 - Mapa de localização da ilha do Marajó e município de Altamira.



Fonte: IFPA Campus Breves da origem a consolidacao, Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/364296630_IFPA_Campus_Breves_da_origem_a_consolidacao

No estado do Pará, o artigo feito pelos pesquisadores Carliez, Formigosa e Cruz (2016) não traz nenhum estudo sobre a língua indígena de sinais - LIS, apenas a importância de trabalhar a língua de sinais Libras com os indígenas surdos. Os autores refletem que a língua de sinais é fundamental para a inclusão e participação plena das pessoas surdas na sociedade, pois é o principal meio de comunicação para muitas delas. Sem a língua de sinais, as pessoas surdas teriam dificuldades em se expressar, interagir e acessar informações de maneira eficaz, o que poderia limitar sua participação na sociedade.

Além disso, para os autores, a língua de sinais é uma expressão cultural e linguística única, que reflete a identidade e a comunidade surda. O reconhecimento e a promoção das línguas de sinais são fundamentais para garantir os direitos das pessoas surdas, incluindo o acesso à educação, serviços de saúde, emprego e participação cívica.

A promoção das línguas de sinais também é importante para a promoção da igualdade de oportunidades e acessibilidade para as pessoas surdas. Quando as línguas de sinais são reconhecidas e promovidas, as pessoas surdas têm mais oportunidades de participar plenamente da sociedade e de ter acesso a serviços e informações de maneira eficaz.

O artigo aborda ainda a importância de reconhecer e promover as línguas de sinais emergentes praticadas por surdos brasileiros em microcomunidades, além da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Isso reflete a diversidade linguística e cultural das comunidades surdas no Brasil, reconhecendo a importância de cada língua de sinais específica para a identidade e a comunicação das pessoas surdas. Portanto, o artigo destaca a evolução das línguas de sinais no Brasil, desde a consolidação da Libras até o reconhecimento das línguas de sinais emergentes praticadas em microcomunidades, ressaltando a importância de considerar e valorizar a diversidade linguística e cultural das comunidades surdas para garantir a inclusão e a participação plena dessas pessoas na sociedade.

Quadro 4: Educação de Surdos: Línguas, Desafios e Propostas

Povo	Ilha do Marajó (tronco Tupi, família Macro-Jê)
Principal fonte pesquisada	Carliez, Formigosa e Cruz (2016)
Línguas usadas pelos surdos Ilha do Marajó	Língua Brasileira de Sinais (Libras)

Informações sobre educação do surdo Ilha do Marajó	<ul style="list-style-type: none"> • Língua de sinais emergente. • Promoção da língua de sinais indígena. • Educação de indígena surdo nas aldeias.
---	--

Quadro criado pela autora.

Quadro 5 - Língua indígena sinais do povo Akwê-Xerente.



Povo: Akwê-Xerente **Família Linguística da língua oral:** família Jê **Tronco:** Macro-Jê **Localização:** cerrado do Estado do Tocantins. **Imagem:** A imagem mostra um grupo de pessoas indígenas reunidas ao ar livre. Elas estão vestidas com trajes tradicionais, incluindo saias e adornos feitos de palha ou materiais naturais. culturais, enquanto outras possuem pinturas corporais ou cocares.

Fonte: Informações sobre o povo de <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Xerente>

A dissertação de Barretos (2016) sobre os Akwê-Xerente é dedicada a apresentar um panorama dos aspectos sócio-históricos da educação de surdos. O autor realiza uma pesquisa bibliográfica sobre as representações sociais a respeito dos surdos, as propostas educacionais voltadas para esses sujeitos e a maneira como pensavam e agiam os primeiros educadores. A pesquisa acerca dos surdos Akwê-Xerente não menciona especificamente a existência de uma língua indígena de sinais. No entanto, aborda a situação de comunicação dos Akwê-Xerente surdos, destacando a importância de compreender as especificidades culturais e linguísticas desse grupo. O autor discute a comunicação não verbal, a visão, a expressão corporal e facial, entre outras formas de interação comunicativa presentes na cultura desse povo. Isso sugere que, embora não haja menção explícita a uma língua indígena de sinais, o documento enfatiza a importância de compreender as diversas formas de comunicação utilizadas pelos Akwê-Xerente, incluindo aquelas que são específicas para a interação dos surdos dentro de sua comunidade.

O Akwê-Xerente destaca a presença de indígenas surdos na educação escolar no Brasil, com ênfase na compreensão das especificidades culturais e linguísticas desse grupo. A pesquisa realizada por Barretos (2016) registrou a presença de treze surdos, com idades entre 7 e 62 anos, residindo em 10 aldeias do povo Akwê-Xerente. Isso evidencia as formas próprias de ver e estar no mundo desses indígenas, assim como as formas de comunicação entre surdos e entre surdos e não-surdos, além do acesso dos surdos às práticas culturais de seu povo. O estudo ressalta a necessidade de investigar mais a respeito da comunicação entre surdos e não-surdos, considerando os espaços de produção cultural e de uso dos sinais, bem como a discussão sobre os "sinais caseiros" e a concepção de língua, temas debatidos em outros estudos sobre indígenas surdos no Brasil. O documento aborda a situação de comunicação dos Akwê-Xerente, destacando a importância de compreender as especificidades culturais e linguísticas desse grupo.

Com base em "Akwê-Xerente de Comunicação Cultural", podemos concluir que a situação de comunicação dos Akwê-Xerente surdos é um tema relevante que demanda compreensão das especificidades culturais e linguísticas desse grupo. Embora a dissertação não mencione explicitamente a existência de uma língua de sinais indígena, destaca a importância de compreender as diversas formas de comunicação utilizadas pelos Akwê-Xerente, incluindo aquelas específicas para a interação dos surdos dentro de sua comunidade. Isso ressalta a necessidade de investigar mais a respeito da comunicação entre surdos e não-surdos, considerando os espaços de produção cultural e de uso dos sinais, bem como a discussão sobre os "sinais caseiros" e a concepção de língua, temas debatidos em outros estudos sobre indígenas surdos no Brasil. Em suma, o documento destaca a importância de compreender e valorizar as diversas formas de comunicação presentes na cultura dos Akwê-Xerente, incluindo aquelas relacionadas à comunicação dos surdos.


Quadro 6: Educação de Surdos: Línguas, Desafios e Propostas

Povo	Akwê- Xerente (família Jê Macro-Jê)
Principal fonte pesquisada	Barretos (2016)
Línguas usadas pelos surdos Akwê- Xerentes	Língua Brasileira de Sinais (Libras)

Informações sobre educação do surdo Akwê-Xerentes	<ul style="list-style-type: none"> • Educação de surdos e aspctos sócio-histórico. • Comunicação e cultura na educação de surdos indígenas. • Acesso a educação e a cultura surda indígena.
--	--

Quadro criado pela autora.

Quadro 7 - Língua indígena de sinais do povo Macuxi.

	<p>Povo: Macuxi Família Linguística da língua oral: Tupi-Guarani Tronco: Karib</p> <p>Localização: região das Guianas, entre as cabeceiras dos rios Branco e Rupununi, território atualmente partilhado entre o Brasil e a Guiana.</p>	<p>Descrição do Sinal: desenho no rosto.</p>
---	--	---

Fonte: Informações sobre o povo de <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Macuxi>, fonte do sinal: SingWriting Costa et al. (2022)

A pesquisa de Araújo e Oliveira (2021) teve como descoberta a Língua de Sinais Macuxi, que também evidencia a necessidade de políticas linguísticas que apoiem a documentação e a preservação dessas línguas, considerando suas características únicas e o desafio representado pelo reduzido número de falantes. Além disso, ressaltaa importância de abordagens colaborativas e multidisciplinares para o estudo e a preservação das línguas de sinais emergentes, visando não apenas a produção de conhecimento acadêmico, mas também o retorno à comunidade e o empoderamento dos surdos Macuxi e de outras comunidades surdas que utilizam essas línguas. Portanto, o estudo da Língua de Sinais Macuxi representa um marco significativo no reconhecimento e na valorização das línguas de sinais emergentes no Brasil,destacando a importância de esforços contínuos para documentar, descrever e preservar essas línguas, bem como para promover a diversidade linguística e cultural no país.

A descoberta da Língua de Sinais Macuxi é discutida no contexto das línguas minoritárias como um exemplo de língua de sinais emergente que precisa ser documentada e preservada. O artigo destaca que a Língua de Sinais Macuxi é uma língua jovem e que sua documentação e descrição são fundamentais para a promoção da diversidade linguística e cultural, bem como para o fortalecimento das

comunidades surdas que a utilizam. Além disso, o estudo de caso da Língua de Sinais Macuxi é utilizado para ilustrar questões relacionadas às línguas de sinais emergentes, como a necessidade de um novo modelo de trabalho colaborativo e multidisciplinar para lidar com a realidade de línguas emergentes e em perigo, como é o caso das LSEs. O artigo também destaca que a documentação da Língua de Sinais Macuxi e de outras línguas de sinais emergentes pode ser mais desafiadora do que a documentação de línguas indígenas brasileiras, por exemplo, e que isso traz novos desafios para as políticas linguísticas e as ações de documentação, descrição e revitalização linguística. A conclusão do artigo destaca a significativa quantidade de trabalhos sobre as línguas de sinais emergentes no Brasil, evidenciando a presença de diversas LSEs em território brasileiro. Além disso, aponta para os desafios e possíveis direcionamentos na pesquisa dessas variedades de línguas.

Quadro 8: Educação de Surdos: Línguas, Desafios e Propostas

Povo	Macuxi (família Tupi-Guarani)
Principal fonte pesquisada	Araújo e Oliveira (2011)
Línguas usadas pelos surdos Macuxi	Língua de sinais Macuxi
Informações sobre educação do surdo Macuxi	<ul style="list-style-type: none"> • Araújo e Oliveira (2021) não se concentre especificamente em políticas educacionais, ela implica fortemente a necessidade de repensar a educação de surdos em contextos indígenas, a partir de três pontos principais; • Reconhecimento e valorização da LSM no ambiente escolar; • Formação de professores e materiais didáticos específicos; • Empoderamento e protagonismo dos surdos indígenas na educação.

Quadro criado pela autora.

Quadro 9 - Língua indígena de sinais do povo Wapixana.



Povo: Wapixana

Família Linguística da língua

oral: Arawak

Tronco: Aruak

Localização: região de campos (ou do lavrado) compreende a área que vai do rio Branco ao rio Rupununi, região de divisão das águas das bacias do rio Amazonas e do rio Essequibo.

Imagem: A imagem mostra um grupo de pessoas vestindo roupas típicas de danças ou celebrações culturais, como saias de palha ou tecido amarelo, coroas feitas de folhas ou flores e acessórios tradicionais.

Fonte: Informações sobre o povo de <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Wapichana>

Bentes (2018), que pesquisou sobre a língua Wapixana da indígena em Roraima, aborda a situação da educação escolar indígena em Roraima, ressaltando a importância de considerar a diversidade cultural e linguística dos alunos indígenas no processo de ensino-aprendizagem. A tensão entre o bilinguismo dos alunos e o ideal de monolingüismo dos professores de língua portuguesa é destacada como um ponto crítico. A introdução enfatiza a importância de promover o debate sobre a pouca abordagem da cultura indígena brasileira na educação escolar, bem como a necessidade de valorizar as línguas indígenas como patrimônio cultural do país.

Embora o artigo não tenha como foco a questão do surdo indígena, é importante destacar que essa comunidade enfrenta desafios únicos devido à interseção de sua identidade surda e sua identidade indígena. A inclusão de surdos indígenas na educação envolve considerações específicas, como a preservação da língua de sinais local, a compreensão da cultura e das tradições surdas dentro da cultura indígena e a garantia de acesso a uma educação que leve em conta suas necessidades linguísticas e culturais. É importante que as políticas educacionais considerem a diversidade cultural e linguística dos surdos indígenas e promovam a inclusão desses indivíduos na sociedade, garantindo-lhes acesso a uma educação de qualidade e respeitando sua identidade cultural e linguística.

O artigo aborda a importância de valorizar e preservar a cultura e a língua indígena no contexto educacional, reconhecendo a singularidade e a importância da

identidade cultural dos povos indígenas. Destaca-se a necessidade de estabelecer uma educação diferenciada que leve em consideração a diversidade cultural e linguística dos alunos indígenas, gerenciando um calendário específico de acordo com a realidade e um currículo diferenciado que inclua disciplinas focadas na etnia da comunidade, incluindo o ensino da língua indígena. Essa perspectiva é fundamental para promover uma educação mais inclusiva e respeitosa com a diversidade cultural e linguística do país. Além disso, é importante considerar as especificidades de outras comunidades, como a comunidade surda indígena, e garantir sua inclusão na educação e na sociedade.

Quadro 10: Educação de Surdos: Línguas, Desafios e Propostas

Povo	Wapixana (família Arauank - Akuak)
Principal fonte pesquisada	Bente (2018)
Línguas usadas pelos surdos Wapixana	Língua de sinais Macuxi
Informações sobre educação do surdo Wapixana	<ul style="list-style-type: none"> • A valorização da língua indígena de sinais; • Bilinguismo dos alunos surdos e sua identidade surda; • Currículo inclusivo; • Políticas educacionais para surdos indígenas.

Quadro criado pela autora.


3.3 Línguas Indígenas de Sinais encontradas na Região Nordeste

Nesta seção, são apresentados estudos desenvolvidos em comunidades do Maranhão e da Bahia. Os *Ka'apor, os gestos e os sinais* de Godoy (2020) é um estudo sobre o povo Ka'apor, uma comunidade de língua Tupi-Guarani da Amazônia Oriental. O autor descreve a história e as características gerais do povo Ka'apor, incluindo sua chegada ao território que habitam, as pressões regionais que enfrentam e a defesa de seu território na região amazônica. Além disso, a tese explora a língua de sinais utilizada pelos surdos Ka'apor, descrevendo o perfil de alguns de seus surdos e mostrando como as redes de relações dos surdos sustentam o uso de uma língua de sinais própria dos Ka'apor. O autor também discute aspectos sociais das

comunidades que apresentam sinalização em outros casos relatados na literatura existente.

Godoy (2020) aborda a língua de sinais utilizada pelos surdos Ka'apor, descrevendo o perfil de alguns de seus surdos e mostrando como as redes de relações dos surdos sustentam o uso de uma língua de sinais própria dos Ka'apor. O estudo fornece uma análise detalhada desses aspectos sociolinguísticos e antropológicos, oferecendo insights sobre a comunidade Ka'apor e sua língua de sinais. Isso significa que, na língua de sinais Ka'apor, os surdos são os principais usuários e motivadores do uso dos sinais, já que a língua de sinais é a principal forma de comunicação para eles. Por outro lado, os não surdos são usuários favoráveis que se habituaram a usar o sistema de comunicação sinalizado, principalmente para se comunicarem com os surdos. Os não-surdos são fundamentais para a base social da língua de sinais Ka'apor, pois constituem a maioria dos sinalizantes. Enquanto os surdos são sinalizantes por condição física, os não surdos o são pela condição social que os liga aos seus patrícios surdos. É importante destacar que os surdos não têm acesso à língua falada, o que torna a língua de sinais Ka'apor ainda mais importante para a comunicação dessas pessoas. Embora haja diferentes graus de competência na sinalização entre os não-surdos, a maioria conhece um vocabulário gestual básico e sinaliza quando encontra um surdo.

Quadro 11 - Língua indígena de sinais do povo Ka'apor.

 <p>Ka'apor - MA/PA (LSKB)</p>	<p>Povo: Ka'apor ou Ka'apór Família Linguística da língua oral: família Tupi-Guarani. Tronco: Tupi Localização: norte do Maranhão</p>	<p>Descrição do Sinal: Plumaria indígena (arte plumária dos indígenas é utilizada tanto como ornamento para o corpo, quanto para representar determinadas mensagens em rituais e cerimônias.</p> <p>SignWriting: É um sistema de escrita que possibilita registrar e interpretar a Libras e outras línguas de sinais.</p>
---	--	--

Fonte: Informações sobre o povo de <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Ka%27apor>, fonte do sinal: SignWriting Costa et al. (2022).

A sociologia dos sinais é uma abordagem que busca entender as línguas de sinais a partir de uma perspectiva sociológica, considerando as relações sociais que envolvem surdos e não-surdos. Godoy (2020) destaca a importância das relações

sociais na formação e manutenção da língua de sinais Ka'apor, mostrando como os surdos e não-surdos interagem e se comunicam por meio de gestos e sinais. Ele também analisa a dinâmica social entre esses grupos, evidenciando como a comunicação gestual é influenciada e moldada por essas interações sociais. A sociologia dos sinais é uma abordagem importante para entender a complexidade das línguas de sinais e sua relação com as comunidades surdas e não surdos, permitindo uma compreensão mais ampla e profunda dessas línguas e das pessoas que as utilizam.

Godoy (2020) explora ainda a origem, onde se discute a língua de sinais utilizada nessa região e sua relação com as línguas francas, como a Chinuk wawa e a Grandes Planícies, em um contexto que destaca a origem e a difusão dos sinais utilizados pelos povos indígenas. Além disso, destacando a influência das interações multilíngues e a independência gramatical desses sinais em relação às línguas faladas. Ele ressalta que a região das Planícies era caracterizada por uma diversidade multilíngue, o que contribuiu para o desenvolvimento autônomo dos sinais em relação à fala, resultando em uma língua de sinais com características gramaticais próprias. Essa independência gramatical das línguas de sinais em relação às línguas faladas dos diferentes povos das Planícies as diferenciava de outras línguas de sinais inventadas por não-surdos. A pesquisa de Gustavo Godoy (2020) fornece insights valiosos sobre a dinâmica e a evolução dos sinais das Planícies, contribuindo para uma compreensão mais aprofundada da origem e natureza das línguas de sinais em contextos multilíngues. Godoy (2020) aborda a morfogênese das línguas de sinais, destacando que essas línguas surgem da necessidade de comunicação entre surdos e não-surdos, e que sua estrutura gramatical é influenciada pelas interações sociais entre esses grupos. Ele ressalta que as línguas de sinais se desenvolvem organicamente em contextos específicos, refletindo as necessidades e experiências das comunidades surdas e não surdos com as quais interagem.

Godoy (2020) oferece uma compreensão mais ampla e crítica da história cultural da invenção dos gestos e das culturas gestuais, contribuindo para uma apreciação mais profunda da diversidade e complexidade desses sistemas de comunicação. Isso é fundamental para uma análise mais abrangente e sensível dos gestos e sinais, especialmente no contexto da língua de sinais dos Ka'apor.

O autor explora a forma e o desenrolar dos gestos e dos sinais, analisando a sua estrutura interna e a sua prosódia. Ele destaca que os gestos e os sinais apresentam características de arranjo temporal e convencionalidade diversas, o que requer uma análise cuidadosa para compreender a sua estrutura e funcionamento. Apresenta uma forma de classificar alguns tipos discrepantes de gestos, categorizados segundo sua relação temporal com a fala e seu caráter convencional. Ele também discute a iconicidade dos gestos e dos sinais, que se refere à relação entre a forma do gesto ou sinal e o seu significado. A iconicidade pode ser mais ou menos presente em diferentes gestos e sinais, e pode ser utilizada de forma estratégica para facilitar a compreensão e a memorização.

Além disso, Godoy (2020) apresenta exemplos de gestos e sinais utilizados pelos Ka'apor em uma narrativa, explorando os emblemas Ka'apor e sua forma na sinalização. Ele também apresenta duas transcrições parciais do mesmo mito, a história de Aé, uma versão em língua de sinais e outra falada, analisando algumas diferenças e convergências entre os gestos dos falantes e os sinais.

A conclusão da tese do autor destaca a importância de se reconhecer a diversidade linguística e cultural dos povos indígenas, incluindo o uso de línguas de sinais. Ele enfatiza que a análise da relação entre as línguas de sinais e as línguas faladas em cada contexto específico é fundamental para compreender a complexidade dessas línguas e sua importância para as comunidades surdas e não surdos. Além disso, Godoy (2020) destaca a necessidade de políticas públicas que reconheçam e valorizem as línguas de sinais utilizadas pelos povos indígenas, garantindo o acesso à educação e à comunicação para todos. A tese de Godoy (2020) contribui para ampliar o conhecimento sobre as línguas de sinais utilizadas pelos povos indígenas e para promover a valorização da diversidade linguística e cultural desses povos.

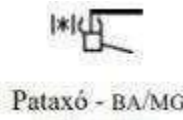
Quadro 12: Educação de Surdos: Línguas, Desafios e Propostas

Povo	Ka'apor (família Tupi-Guarani)
Principal fonte pesquisada	Godoy (2020)
Línguas usadas pelos surdos Ka'apor	Língua de sinais Ka'apor

Informações sobre educação do surdo Ka'apor	<ul style="list-style-type: none"> • Diversidade cultural; • Relação social na formação da língua de sinais; • Independência gramatical da língua de sinais; • Valorização da língua de sinais Ka'apor.
--	---

Quadro criado pela autora.

Quadro 13 - Língua indígena de sinais do povo Pataxó.

	<p>Povo: Pataxó Família Linguística da língua oral: Maxakalí Tronco: Macro-Jê Localização: extremo sul do Estado da Bahia.</p>	<p>Descrição do Sinal: Bracelete</p>
---	---	---

Fonte: Informações sobre o povo de <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo.Pataxó>, fonte do sinal: Costa et al. (2022)

O povo indígena Pataxó é mencionado por Godoy (2020) como pertencente à região da Bahia-Minas Gerais, onde vivem em diversas aldeias no extremo sul do estado da Bahia e norte de Minas Gerais. O povo Pataxó está empenhado em resgatar e fortalecer sua língua, o Patxohã, que pertence ao tronco linguístico Macro-Jê. Inicialmente, o vocabulário da língua Pataxó era limitado a cerca de 200 palavras, mas, através de estudos detalhados e do esforço de educadores e lideranças Pataxó, esse vocabulário foi ampliado para mais de 2.500 palavras.

[...] a língua falada pelos Pataxó pertence ao tronco linguístico Macro-Jê. Contudo, durante as pesquisas realizadas foram coletadas palavras entre os mais velhos provenientes de outras línguas e troncos linguísticos, sendo que atualmente este material está passando por um processo de análise e revisão. Mas para entendermos como essa mistura ocorreu, é importante levarmos em consideração que, de acordo com registros históricos, os Pataxó e outros povos foram forçadamente retirados de seus territórios originários e aldeados em Bom Jardim, hoje Aldeia Pataxó Barra Velha, contribuindo para a diversidade do seu vocabulário e seus costumes. (CUNHA, 2013, p. 52)

Apesar de terem sido forçadamente retirados de seus territórios originais e aldeados em Bom Jardim, hoje Aldeia Pataxó Barra Velha, os Pataxó mantiveram sua língua viva, mesmo com influências de outras línguas e troncos linguísticos. O trabalho de pesquisa e resgate da língua Pataxó tem sido fundamental para preservar as tradições e a identidade desse povo.

Os esforços para revitalizar a língua Pataxó incluem o uso do Patxohã na música e o ensino nas escolas das aldeias Barra Velha e Coroa Vermelha. A língua

é vista como um elemento essencial para preservar os segredos e valores do povo Pataxó, além de ser uma forma de resistência às mudanças de costumes.

Os educadores e lideranças Pataxó estão comprometidos em garantir que a língua patxohã ganhe vida e significado novamente, envolvendo toda a comunidade no processo de valorização e uso cotidiano da língua. O termo "patxohã" foi adotado para marcar o trabalho de pesquisa e revitalização da língua, significando "linguagem de guerreiro".

Damasceno(2017) conduziu uma pesquisa sobre a Língua de Sinais Pataxó da Aldeia Coroa Vermelha-BA, identificando e documentando os sinais representativos desse povo, incluindo o sinal do bracelete indígena. Este estudo contribuiu para a compreensão da língua de sinais específica dessa comunidade indígena e sua relação com a cultura e identidade Pataxó.

A conclusão é que a pesquisa sobre a Língua de Sinais Pataxó da Aldeia Coroa Vermelha-BA contribui significativamente para a compreensão da cultura e identidade do povo Pataxó, fornecendo insights valiosos sobre a linguagem de sinais específica dessa comunidade indígena. Esses estudos são importantes para preservar e valorizar a diversidade linguística e cultural das comunidades indígenas no Brasil.

Pelo contexto fornecido, o ensinamento está relacionado à pesquisa e documentação da Língua de Sinais específica da comunidade indígena Pataxó, visando preservar e valorizar a diversidade linguística e cultural desse povo. Esses estudos contribuem para uma compreensão mais profunda da cultura e identidade dos Pataxó, além de promover a inclusão e o respeito à diversidade linguística e cultural das comunidades indígenas no Brasil.

A documentação e análise do léxico e dos termos específicos das línguas de sinais são fundamentais para o desenvolvimento e consolidação dessas línguas como parte integrante da diversidade linguística e cultural. A criação de glossários bilíngues e a proposição de metodologias para a organização e registro de termos técnicos e administrativos em Libras têm sido temas de pesquisas e dissertações acadêmicas, demonstrando o crescente interesse e importância atribuídos a esses estudos. A riqueza da variedade linguística regional e a alta produtividade linguística na região norte do Brasil, enfatizando aspectos como formação morfológica, criatividade lexical, semântica, pragmática e discursiva. Essa diversidade linguística

é relevante para compreender a complexidade e a riqueza das línguas de sinais utilizadas pelas comunidades surdas nesta região.


A análise sociolinguística e cultural dessas representações no contexto das comunidades surdas contribui para a valorização e preservação da diversidade linguística e cultural dessas comunidades. Este processo é essencial para promover a inclusão e a expressão plena das comunidades surdas, reconhecendo e respeitando a riqueza de suas expressões linguísticas e culturais.

Quadro 14: Educação de Surdos: Línguas, Desafios e Propostas

Povo	Pataxó (família Maxakai – Macro-Jê)
Principal fonte pesquisada	Cunha (2013)
Línguas usadas pelos surdos Pataxó	Língua brasileira de sinais - Libras
Informações sobre educação do surdo Pataxó	<ul style="list-style-type: none"> • Principais pesquisas sobre a documentação sobre a Língua indígena de sinais Pataxó; • Criação de glossário e registros acadêmicos; • Uso da língua no ensino.

Quadro criado pela autora.

Quadro 15 - Língua indígena de sinais do povo Xucuru do Ororubá.

	Povo: Xucuru do Ororubá Língua oral: Português Localização: extremo sul do Estado da Bahia.	Descrição do Sinal: Cocar
---	--	----------------------------------

Fonte: Informações sobre o povo de <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Xucuru>
 fonte do sinal: SignWriting Costa *et al* (2022).

A pesquisa dos autores Moura e Gomes (2020), intitulada "Mapeamento das Línguas de Sinais Indígenas no Povo Xucuru do Ororubá no Contexto dos Estudos Surdos", busca identificar as possíveis contribuições das línguas de sinais indígenas para a construção de relações interculturais dos indígenas surdos do Povo Xucuru do Ororubá. A pesquisa é importante porque reconhece a cultura e identidade de cada povo indígena na constituição das línguas de sinais, o que pode contribuir para a promoção da justiça social e superação das diferenças entre indígenas surdos e

indígenas não-surdos. O estudo é ancorado nas concepções dos estudos surdos na perspectiva dos estudos culturais e busca identificar a presença de sinais próprios que contribuam para a documentação de sinais indígenas relacionados à cultura e identidade, que possam contribuir para os processos próprios de ensino e aprendizagem no contexto da educação escolar indígena.

O estudo apresenta a caracterização dos surdos do Povo Xukuru do Ororubá. Esses indivíduos estão presentes no convívio social e comunitário, logo, partilham das manifestações socioculturais desse povo. O estudo destaca que a educação escolar é um desafio para esse grupo, levando-se em consideração a revalorização das línguas e culturas locais e a adaptação às necessidades linguísticas, culturais e identitárias dos indígenas surdos. O mapeamento das línguas de sinais indígenas pode contribuir para a promoção da justiça social e superação das diferenças entre indígenas surdos e indígenas não-surdos. A pesquisa aborda a importância das relações interculturais na educação de surdos, destacando a necessidade de reconhecer a importância da linguística voltada às relações dos fatores sociais com a linguagem. O estudo ressalta que as relações interculturais entre surdos e não surdos passam pela promoção de novas práticas de ensino-aprendizagem, e que é essencial identificar sinais naturais utilizados pelos surdos para a elaboração de conteúdos de ensino-aprendizagem no contexto da educação escolar indígena. Além disso, destaca a importância da inserção da Língua Brasileira de Sinais (Libras) no contexto escolar do Povo Xukuru, visando garantir a efetividade dos processos próprios de ensino-aprendizagem aos surdos indígenas.

A pesquisa destaca a importância das relações interculturais dos surdos Xukuru do Ororubá, ressaltando que cada grupo apresenta identidades específicas no mesmo contexto sociocultural. O estudo observa que a comunidade não utiliza mais a língua materna e que os processos de ensino-aprendizagem da escola indígena não contemplam os pressupostos de educação diferenciada e bilíngue. Além disso, ressalta a necessidade de políticas públicas para atender às especificidades linguísticas, culturais e identitárias dos surdos, visando garantir a inclusão e o reconhecimento da diversidade cultural.

A conclusão do estudo é a importância de promover discussões e reflexões sobre a educação dos indígenas surdos no Povo Xukuru do Ororubá. O estudo ressalta a necessidade de abordar lacunas na educação de surdos, como o ensino

de Libras e propostas de letramento numa perspectiva bilíngue, visando atender às necessidades linguísticas, culturais e identitárias desses sujeitos. Além disso, aponta a importância de fomentar pesquisas que aprofundem as discussões sobre a educação dos indígenas surdos, incluindo a formação de professores em Libras, a elaboração de materiais didáticos específicos e a adoção de metodologias de ensino adequadas aos interesses socioculturais e identitários desses sujeitos.

Quadro 16: Educação de Surdos: Línguas, Desafios e Propostas

Povo	Xucuru (família Xucuru do Ororubá– Macro-Jê)
Principal fonte pesquisada	Moura e Gomes (2020)
Línguas usadas pelos surdos Xucuru Ororubá	Língua brasileira de sinais - Libras
Informações sobre educação do surdo Xucuru Ororubá	<ul style="list-style-type: none"> • Mapeamento das línguas de sinais indígena; • Desafios na educação escolar indígena; • Relações interculturais na educação; • Libras na educação escolar indígena; • Educação diferenciada e bilíngue; • Necessidade da presença de políticas linguísticas; • Formação de professores e produção de materiais didáticos.

Quadro criado pela autora.

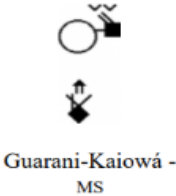
3.4 Línguas de sinais indígenas na região do Centro-oeste

No centro-oeste, mais especificamente em Goiânia, existe o Núcleo Takinahakỹ de Formação Superior Indígena (NTFSI /UFG). O Núcleo Takinahakỹ oferece um curso de licenciatura em Educação Intercultural, que foi desenvolvido com base nas necessidades das comunidades indígenas, conforme discutido em diversos seminários com lideranças indígenas da região da bacia do Araguaia-Tocantins. O curso de licenciatura, criado em 2005 em colaboração com professores universitários e indígenas, recebeu aprovação do CONSUNI (órgão deliberativo máximo da UFG), com o apoio da UFT e FUNAI, em 2006. O Núcleo Takinahakỹ oferece um projeto de extensão cujo objetivo principal é fornecer aos alunos indígenas uma formação básica sobre os princípios pedagógicos da educação

intercultural e transdisciplinar, contribuindo para a formação de alunos com diferentes saberes.

O objetivo do Núcleo Takinahakỹ na formação de professores indígenas é fornecer a produção e fabricação de materiais didáticos, além de pensar em uma metodologia de ensino com base em políticas linguísticas e levar em consideração a realidade social dos povos indígenas. Desde 2014, o curso passou a oferecer a disciplina Introdução à Língua de Sinais (Libras) com 64 horas de aula, sendo 32 horas dedicadas à teoria e 32 horas à prática. No entanto, não há estudos sobre a situação dos surdos nas comunidades dos estudantes indígenas do curso, que provém de 30 povos indígenas dos estados de Goiás, Mato Grosso, Tocantins, Maranhão e Minas Gerais.

Quadro 17: Língua indígena de sinais do povo Guarani-Kaiowá

	Povo: Guarani-Kaiowá Família Linguística da língua oral: Guarani Tronco: Tupi Guarani Localização: Região sul do Mato Grosso do Sul.	Descrição do sinal: Cocar e Flautas.
--	---	---

Fonte: Informações sobre o povo de <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Guarani> Fonte do sinal: SignWriting Costa et al. (2022)

Lima (2013), em sua pesquisa de mestrado, aborda a importância de compreender as formas de comunicação e inclusão da criança indígena surda na cultura Guarani-Kaiowá. O objetivo geral é investigar como a criança surda indígena se relaciona e se comunica na família e na escola, identificando as facilidades e dificuldades encontradas nesses contextos. Além disso, busca-se descrever as ações e estratégias utilizadas pela família e pela escola para a comunicação e efetivação da inclusão da criança indígena surda. A pesquisa visa contribuir para reflexões sobre as diferenças sociais, culturais e linguísticas, visando a superação dos processos de exclusão escolar e social das crianças indígenas surdas.

A organização social nas culturas guarani e kaiowá é baseada na família extensa, liderada por um "pai de família" que atua na conscientização crítica do grupo. A aprendizagem é transmitida por meio das interações sociais no âmbito familiar e sociocultural, seguindo a divisão entre as fases da vida. A televisão é um meio de comunicação presente nas famílias, mas sem a preocupação com a classificação

indicativa da programação selecionada. A educação indígena busca valorizar a cultura e a língua materna, mas enfrenta desafios como a falta de recursos e a falta de formação adequada dos professores. A construção de escolas diferenciadas indígenas é uma das estratégias utilizadas para promover a inclusão e valorização da cultura indígena na educação. A pesquisadora demonstra que as pesquisas recentes sobre a questão da deficiência na cultura guarani-kaiowá revelam que a presença de crianças indígenas com deficiência nas aldeias está relacionada ao direito à educação e à política de educação inclusiva. Além disso, indicam que a redução do território, as condições precárias de vida, habitação e meio insalubre, juntamente com a falta de alimentação, é escassa. A falta de prevenção e atenção à saúde são fatores que contribuem para a incidência da deficiência entre os povos indígenas estudados. As pesquisas também destacam a importância de compreender as crenças mitológicas, religiosas e culturais relacionadas à surdez na cultura guarani-kaiowá, visando promover uma educação inclusiva que respeite e valorize a diversidade cultural e linguística dessas comunidades.

A metodologia da pesquisadora utilizada no estudo de Lima (2013) sobre a questão da deficiência na cultura guarani-kaiowá envolveu a realização de pesquisas de campo, entrevistas com membros das comunidades indígenas, professores, pais, cuidadores e profissionais da saúde, além da análise de documentos e registros relacionados ao tema. A abordagem qualitativa foi adotada para compreender as percepções, experiências e práticas desses grupos em relação à deficiência e à inclusão educacional. A pesquisa buscou respeitar a ética e a sensibilidade cultural, garantindo a participação ativa e o respeito às vozes das comunidades indígenas envolvidas no estudo. A análise dos dados foi realizada de forma aprofundada, considerando as particularidades culturais e linguísticas das populações estudadas, visando contribuir para a promoção de uma educação inclusiva e respeitosa da diversidade.

Os sujeitos da pesquisa de Lima (2013) incluíram cinco crianças surdas, sendo duas meninas e três meninos, pertencentes às etnias Guarani e Kaiowá, com idades entre 0 e 12 anos. Além disso, participaram dois pais de crianças surdas, duas mães, duas irmãs e quatro professores indígenas que atendem ou atenderam crianças surdas. A seleção dos sujeitos seguiu critérios específicos, considerando a faixa etária, a condição de surdez e a pertença étnica, com o objetivo de

compreender as experiências e práticas relacionadas à deficiência na cultura guarani-kaiowá. A pesquisa buscou respeitar a privacidade e o anonimato dos participantes, garantindo a confidencialidade das informações coletadas. A sensibilidade cultural foi um aspecto fundamental na abordagem dos sujeitos da pesquisa, visando promover uma interação respeitosa e ética com as comunidades indígenas envolvidas no estudo. Os procedimentos de coleta e análise dos dados incluíram diversas etapas. A coleta de dados foi realizada por meio de observação participante, entrevistas semiestruturadas e conversas informais com os sujeitos da pesquisa, como crianças surdas, pais, professores indígenas e familiares. Além disso, foram utilizados instrumentos como o registro em diário de campo e imagens fotográficas da comunicação entre as crianças e seus familiares para documentar as interações no contexto familiar e escolar. As imagens fotográficas dos sinais foram descritas e traduzidas para SignWriting, a fim de analisar os indícios de comunicação em língua de sinais.

Esses procedimentos garantiram uma análise cuidadosa e aprofundada dos dados coletados, considerando as particularidades culturais e linguísticas das comunidades indígenas estudadas, visando contribuir para o entendimento das formas de comunicação e inclusão da criança indígena surda na cultura guarani-kaiowá.

O estudo investigou as formas de comunicação e inclusão da criança indígena surda na cultura guarani-kaiowá, tanto no contexto familiar quanto escolar. Os resultados indicaram que as crianças surdas utilizam sinais icônicos para se comunicar com seus familiares e pares na escola, participando de brincadeiras e atividades. No entanto, foi observada a ausência do fogo doméstico, que é um espaço de socialização e transmissão cultural importante na cultura guarani-kaiowá.

Os familiares das crianças surdas relataram dificuldades na comunicação, mas também demonstraram esforços para incluir seus filhos na vida cotidiana da comunidade. Os professores indígenas que atendem crianças surdas relataram a falta de formação específica para lidar com a surdez e a necessidade de recursos e estratégias pedagógicas adequadas para promover a inclusão educacional.

A pesquisa evidenciou a importância da valorização da língua de sinais e da cultura surda na inclusão da criança indígena surda na cultura guarani-kaiowá. Além disso, destacou a necessidade de uma formação adequada dos professores

indígenas para lidar com a diversidade linguística e cultural presente nas comunidades indígenas. A pesquisa contribuiu para ampliar o conhecimento sobre as formas de comunicação e inclusão da criança indígena surda na cultura guarani-kaiowá, visando promover uma educação inclusiva e respeitosa da diversidade.

No estudo, foi observado que as crianças indígenas surdas e seus familiares utilizam formas de comunicação baseadas em sinais icônicos para interagir no contexto familiar e escolar. As crianças surdas participam ativamente das atividades familiares e escolares, sendo mediadas pelos irmãos na comunicação e interação com outros membros da família e colegas na escola. Além disso, os familiares demonstraram esforços para incluir as crianças surdas na vida cotidiana da comunidade, apesar das dificuldades de comunicação relatadas.

Os resultados da pesquisa destacaram a importância de compreender e valorizar as formas de comunicação utilizadas pelas crianças indígenas surdas e suas famílias, bem como a necessidade de promover estratégias de inclusão que considerem a diversidade linguística e cultural presente nas comunidades indígenas. Essas descobertas contribuem para uma compreensão mais ampla das experiências das crianças indígenas surdas e suas famílias, visando promover práticas inclusivas e respeitosas da diversidade na educação e na comunidade.

A autora ressalta que a família é um espaço fundamental para a interação e comunicação da criança indígena surda na cultura guarani-kaiowá. As formas de comunicação utilizadas pelos familiares são baseadas em sinais icônicos, que são criados a partir das necessidades imediatas de comunicação e revelam suas frustrações e dificuldades. No entanto, as práticas de comunicação ainda são incipientes, e os poucos sinais da Libras aprendidos na escolarização/inclusão de surdos na escola não favorecem a formação das identidades surdas e indígenas.

A pesquisa destacou a importância de ampliar as formas de interação e comunicação para o desenvolvimento linguístico, aquisição de conhecimentos e participação sociocultural nos contextos familiar, escolar e comunitário. Além disso, a valorização da cultura e língua de sinais surda é fundamental para a inclusão da criança indígena surda na cultura guarani-kaiowá. A pesquisa contribuiu para ampliar o conhecimento sobre as formas de interação e comunicação na família indígena, visando promover práticas inclusivas e respeitosas da diversidade.

Lima (2013) salienta que as irmãs das crianças indígenas surdas desempenham um papel importante na interação e comunicação com suas irmãs surdas. As irmãs atuam como mediadoras na comunicação e interação das crianças surdas com outros membros da família e colegas na escola, contribuindo para a inclusão e participação das crianças surdas na vida cotidiana da comunidade.

Além disso, as irmãs estão aprendendo Libras juntas, o que demonstra um esforço para ampliar as formas de comunicação e interação com as crianças surdas. Essa iniciativa das irmãs pode contribuir significativamente para o desenvolvimento linguístico e sociocultural das crianças surdas, promovendo uma maior inclusão e participação na família e na escola. Esses resultados destacam a importância do apoio e envolvimento dos membros da família, como as irmãs, na promoção de práticas inclusivas e respeitadas da diversidade linguística e cultural, contribuindo para o desenvolvimento integral das crianças indígenas surdas na cultura guarani-kaiowá.

Dando destaque ao fato de que os pais das crianças indígenas surdas não se sentem à vontade para falar sobre a deficiência de seus filhos, mesmo tendo como mediador uma professora indígena fluente na língua guarani. Isso sugere que a questão da surdez ainda é um tema delicado e pouco discutido dentro das famílias indígenas. Além disso, a falta de formação específica dos professores indígenas para lidar com a surdez e a necessidade de recursos e estratégias pedagógicas adequadas para promover a inclusão educacional foram identificadas como desafios no processo de inclusão da criança surda na cultura guarani-kaiowá.

Esses resultados destacam a importância de promover a sensibilização e formação dos professores e familiares para lidar com a diversidade linguística e cultural presente nas comunidades indígenas, visando promover práticas inclusivas e respeitadas da diversidade. A pesquisa revelou que as famílias indígenas têm sentimentos complexos em relação às crianças surdas. Por um lado, há uma preocupação com a dificuldade de comunicação e inclusão dessas crianças, refletindo a falta de recursos e apoio adequados para atender às suas necessidades específicas. Por outro lado, há uma expectativa de normalização da criança surda, buscando adequá-la aos modelos existentes na sociedade em que convive.

Essa dualidade de sentimentos evidencia os desafios enfrentados pelas famílias indígenas na promoção da inclusão e no reconhecimento da identidade das

crianças surdas dentro de suas comunidades. A falta de compreensão e apoio adequado pode contribuir para a invisibilidade e marginalização dessas crianças, dificultando seu pleno desenvolvimento linguístico, cognitivo e sociocultural. Portanto, Lima (2013) conclui que é fundamental promover a sensibilização e o apoio às famílias indígenas para que possam acolher e valorizar as crianças surdas, garantindo seu direito à inclusão e participação plena na comunidade.

Além disso, Lima (2013) afirma que os professores indígenas reconhecem a importância da presença de intérpretes de língua de sinais nas salas de aula, pois isso contribui para a inclusão dos alunos surdos no ambiente escolar e facilita a comunicação entre professores e alunos surdos. No entanto, muitos desses professores não têm conhecimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras), o que pode representar um obstáculo para uma comunicação efetiva com os alunos surdos.

A narrativa dos professores indígenas destaca a necessidade de formação e capacitação para lidar com a diversidade linguística e cultural presente na escola, especialmente no que diz respeito à inclusão de alunos surdos. A valorização da Libras e o reconhecimento da importância da comunicação para o processo de ensino-aprendizagem são aspectos fundamentais ressaltados pelos professores indígenas.

Esses relatos evidenciam a importância de promover a formação continuada dos professores indígenas, visando o desenvolvimento de estratégias pedagógicas inclusivas e o fortalecimento da comunicação e interação com alunos surdos, contribuindo para a promoção de uma educação mais equitativa e acessível.

Os dados das entrevistas da pesquisadora realizadas com os professores indígenas revelam que muitos deles experimentam sentimentos de preocupação e insegurança ao lidar com alunos surdos. A falta de conhecimento prévio sobre a surdez e a ausência de orientações e suporte adequados para desenvolver práticas pedagógicas inclusivas são fatores que contribuem para esses sentimentos.

Além disso, alguns professores expressam sentimentos de constrangimento e dificuldade em lidar com a situação, especialmente quando não possuem conhecimento prévio sobre a língua de sinais. Esses relatos evidenciam a necessidade de oferecer suporte e formação específica para os professores indígenas, a fim de capacitá-los para atender às necessidades educacionais dos alunos surdos de forma mais eficaz.

Portanto, é fundamental promover a sensibilização, a formação continuada e o apoio aos professores indígenas, visando fortalecer suas habilidades e competências para promover uma educação mais inclusiva e equitativa para todos os alunos, incluindo aqueles com deficiência auditiva³. Os professores indígenas manifestam tensões e contradições em relação à inclusão das crianças surdas. Por um lado, expressam preocupação e insegurança sobre como lidar com a criança surda, destacando a falta de orientação e suporte adequado para desenvolver práticas pedagógicas inclusivas. Por outro lado, reconhecem a importância da presença do professor intérprete de Libras como colaborador no processo de ensino-aprendizagem.

Com as percepções, Lima (2013) sugere que é necessário promover a sensibilização e a formação dos professores indígenas, visando fortalecer suas habilidades e competências para lidar com a diversidade linguística e cultural presente nas escolas indígenas. Além disso, o autor ressalta a importância de estabelecer práticas de diálogo intercultural e de valorização das identidades surdas indígenas, promovendo uma educação mais inclusiva e equitativa para todas as crianças.

Com base nas informações coletadas, é possível observar que os professores indígenas enfrentam desafios significativos ao lidar com a inclusão de crianças surdas em seus contextos escolares. Suas percepções revelam uma dualidade de sentimentos, que vão desde a preocupação e insegurança até o reconhecimento da importância da presença do professor intérprete de Libras como colaborador no processo educacional.

Essa duplicidade reflete a necessidade de oferecer suporte e formação específica para os professores indígenas, a fim de capacitá-los para atender às necessidades educacionais dos alunos surdos de forma mais eficaz. Além disso, ressalta a importância de promover práticas de diálogo intercultural e de valorização das identidades surdas indígenas, visando promover uma educação mais inclusiva e equitativa para todas as crianças.

Portanto, é fundamental que as políticas e práticas educacionais considerem as percepções e necessidades dos professores indígenas, buscando promover a sensibilização, a formação continuada e o apoio necessários para garantir uma

³ Durante sua pesquisa, a autora escolheu usar o termo "deficiente auditivo".

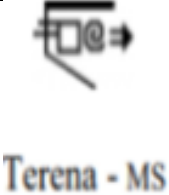
educação de qualidade e inclusiva para todos os alunos, incluindo aqueles com deficiência auditiva.

Quadro 18: Educação de Surdos: Línguas, Desafios e Propostas

Povo	Guarani (família Tupi-Guarani)
Principal fonte pesquisada	Lima (2013)
Línguas usadas pelos surdos Guarani-Kaiowá	Língua brasileira de sinais – Libras
Informações sobre educação do surdo Guarani-Kaiowá	<ul style="list-style-type: none"> • Investigar crianças surdas indígenas; • Descrever as ações e estratégias utilizada pela família e pela escola para a comunicação e a inclusão; • Contribuir para reflexões sobre a inclusão escolar e social; • Organização da comunidade Guarani-Kaiowá; • Valorização da língua materna.

Quadro criada pela autora.

Quadro 19: Língua de sinais indígena do povo Terena

	Povo: Terena Família Linguística da língua oral: Terena Tronco: Aruak Localização: Estado de Mato grosso do Sul.	Descrição do sinal: Pintura corporal indígena.
---	---	---

Fonte: informação sobre o povo de <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Terena>, fonte do sinal: SignWriting Costa et al. (2022)

A pesquisa de doutorado da Soares (2018) destaca a motivação da pesquisa pela contribuição social, a pedido da comunidade Terena interessada no tema. A falta de análise por um membro nativo da comunidade levou à realização do estudo. A pesquisa focou na análise fonológica, morfológica e de outros níveis da língua de sinais dos Terena, demonstrando que essa língua é parte da cultura e identidade compartilhada por essa comunidade, diferenciando-se da Libras, utilizada por surdos urbanos no Brasil. A importância de estudar, valorizar e preservar línguas para evitar a perda de conhecimentos e identidades também foi ressaltada.

A apresentação do povo Terena no trabalho de Soares (2018) mostra a busca por compreender a história, o pensamento e os costumes desse povo, pois esses elementos influenciam e estão refletidos em sua língua, incluindo a língua de sinais utilizada. A autora também investigou a situação atual da educação dos surdos Terena, considerando que muitos jovens Terena recebem educação escolar, tanto na aldeia quanto na cidade, o que levanta questões interessantes sobre a convivência com a Libras. A história e a cultura do povo Terena são abordadas no trabalho de Soares (2018), como elementos fundamentais para compreender a identidade e a língua desse grupo indígena. A pesquisa visualiza a resistência e a persistência dos Terena na preservação de sua língua, valores e costumes, apesar do contato com a cultura branca imposta ao longo dos anos. Os Terena lutam pela educação indígena e escolar, incluindo a educação dos surdos, e mantêm tradições como a dança kipaé ao longo das gerações, ao mesmo tempo em que incorporam novos costumes. A língua de sinais Terena reflete e permeia esses aspectos culturais, demonstrando a importância de estudar e preservar a língua e a cultura desse povo.

São abordados na pesquisa a etiologia da surdez dos surdos Terena, destacando o desejo dos pais de surdos Terena em compreender a causa da surdez de seus filhos. A pesquisa revela que esses pais enfrentam preconceitos, sendo acusados por algumas pessoas de terem feito algo errado, resultando no "castigo de Deus" da surdez. A autora menciona informações encontradas na bibliografia que podem fornecer *insights* sobre a surdez específica dos surdos Terena, incluindo aspectos históricos e sociais que influenciaram a comunidade.

A educação dos surdos Terena, segundo Soares (2018), é o desejo dos pais e professores Terena de que as escolas indígenas possam receber os surdos para estudar. A pesquisa ressalta que os professores Terena têm buscado informações e reivindicado direitos perante o governo do Estado, contribuindo para o fortalecimento da escola indígena. A tese também destaca a importância da preservação da língua de sinais Terena e da valorização da cultura e cosmovisão dos surdos Terena, refletindo o desejo da comunidade de aprender Libras e a língua de sinais Terena, além de conhecer mais sobre a cultura e a cosmovisão dos surdos Terena.

A pesquisa menciona que as línguas de sinais são línguas naturais, assim como as línguas orais, e não devem ser vistas como formas de mímica ou gestos sem estrutura linguística. Isso significa que as línguas de sinais possuem gramáticas

próprias, com regras e estruturas que as tornam línguas completas e complexas. A autora destaca a importância de valorizar e estudar as línguas de sinais como línguas autônomas, e não como formas inferiores de comunicação. Além disso, ela ressalta a necessidade de desmistificar preconceitos e mitos em torno das línguas de sinais e de esclarecer sobre a importância de estudar e valorizar as línguas visuais, como a língua Terena de sinais.

São abordadas também as "línguas de sinais secundárias", que são sistemas de comunicação que não resultam das necessidades comunicativas de surdos e surdocegos. Esses sistemas são utilizados em momentos que impedem a comunicação oral, como em situações de caça, mergulho ou por motivos religiosos. A autora destaca que as línguas de sinais secundárias são usadas apenas por não-surdos, possuindo vocabulário restrito, sem muitas novas criações, sem criações morfológicas, dupla articulação, sem sintaxe específica, e não são consideradas línguas completas. Ela ressalta a importância de compreender a distinção entre línguas de sinais secundárias e línguas de sinais, que são línguas naturais completas, com gramáticas próprias e complexas.

No trabalho de Soares (2018), são mencionadas possíveis línguas de sinais brasileiras, destacando a existência de variedades de uma mesma língua de sinais em um determinado país, assim como ocorre com as línguas orais. A autora ressalta a importância de estudar a fonologia, morfologia, sintaxe e semântica dessas línguas, comparando suas características linguísticas para compreender melhor a diversidade linguística existente. Ela cita exemplos de estudos que abordam a variação lexical regional em línguas de sinais de outros países, como a língua holandesa de sinais e a língua britânica de sinais, e destaca a importância de reconhecer e estudar as possíveis línguas de sinais brasileiras para ampliar o conhecimento sobre a diversidade linguística presente no Brasil.

A metodologia de pesquisa utilizada por Soares (2018) foi baseada em uma abordagem etnográfica qualitativa. Ela realizou leituras e análises de obras relevantes, além de trabalhos de campo cuidadosos, respeitando o tempo e a cosmovisão dos Terena surdos. Durante o trabalho de campo, a autora buscou conhecer a vida dos informantes surdos, seus gostos, preferências e rotinas diárias. A pesquisa foi conduzida de forma bilíngue, adaptando as perguntas de acordo com o conhecimento em Libras dos informantes. Quando os informantes não sabiam

Libras, a autora contou com a ajuda de intérpretes para facilitar a comunicação. A coleta de dados foi realizada de maneira aprofundada, explorando temas como interesses, atividades e rotinas dos surdos Terena, com o objetivo de compreender a língua de sinais utilizada por essa comunidade.

Além disso, a autora destaca a importância do trabalho de campo em pesquisas desse tipo, ressaltando a relevância de aproveitar cada momento para coletar dados sobre a língua estudada. Ela enfatiza que a pesquisa seguiu um modelo etnográfico, o que facilitou a compreensão da língua pesquisada, considerando a interligação entre língua e cultura. A participação ativa dos informantes foi fundamental, especialmente em estudos de línguas visuais como as línguas de sinais. A autora também menciona a utilização de técnicas específicas, como a técnica da comutação criada por Pike (1975), para a coleta e análise de dados em estudos fonológicos.

São apresentadas informações sobre os surdos Terena, uma grande comunidade indígena, com mais de 4.000 pessoas apenas na Terra Indígena Cachoeirinha, localizada no estado de Mato Grosso do Sul. A autora destaca que muitos surdos Terena não conhecem a Língua Brasileira de Sinais (Libras), e que alguns nunca frequentaram a escola ou tiveram contato com surdos usuários de Libras. A maioria dos familiares dos surdos Terena são não surdos e falantes de Português e Terena, e os mais próximos conhecem o que a autora chama de "língua Terena de sinais". Alguns jovens estudam na cidade e estão avançando no uso e conhecimento da Libras, mas utilizam outra língua de sinais na aldeia, com seus familiares e amigos não-surdos, e outros surdos que não sabem Libras.

Na pesquisa, é discutida a definição de língua e a relação entre língua e cultura. A autora destaca que não é tarefa fácil definir o que é uma língua, pois trata-se de sistemas complexos, o que nos impede de saber ao certo quantas línguas existem no mundo. Ela ressalta que as línguas comportam muita variação porque seus falantes têm diferentes tipos de conhecimento e experiência, diferentes visões de mundo, vivem em diferentes áreas e em diferentes momentos.

A autora também discute a língua Terena de sinais, utilizada pelos surdos Terena, e destaca que essa língua é autônoma e não constitui uma variedade da Língua Brasileira de Sinais (Libras) ou um sistema de sinais caseiros. Ela realizou estudos de fonologia, morfologia, sintaxe e semântica dessa língua, comparando

suas características linguísticas para compreender melhor a diversidade linguística existente. Além disso, a autora discute a fonologia⁴ de línguas orais e de línguas de sinais, destacando que a fonologia é uma área muito produtiva da linguística quanto à análise de línguas nunca antes estudadas. Ela explica que, com línguas indígenas orais, utiliza-se principalmente o método fonêmico de descobertas, com o qual se faz a busca de pares mínimos e pares análogos, o que permite descobrir, portanto, fonemas e seus traços nessas línguas. Ela destaca que a unidade mínima de análise da fonologia estrutural é o fonema, e que a fonologia estrutural é uma das bases para novas teorias fonológicas.

A análise fonêmica de uma língua de sinais envolve a identificação e descrição dos fonemas, ou unidades distintivas, que compõem o sistema fonológico dessa língua. Assim como nas línguas orais, a análise fonêmica em línguas de sinais busca identificar os elementos mínimos distintivos que podem alterar o significado das palavras ou sinais.

Para realizar a análise fonêmica de uma língua de sinais, os pesquisadores geralmente utilizam métodos específicos, como a identificação de pares mínimos e pares análogos, para identificar os fonemas e seus traços distintivos. Isso pode envolver a observação e transcrição de sinais em diferentes contextos linguísticos, a fim de identificar quais elementos são distintivos e quais não são.

Além disso, a análise fonêmica de uma língua de sinais pode incluir a investigação de parâmetros fonológicos, como configurações de mão, movimentos, orientações e locações, que contribuem para a formação dos sinais e para a distinção de significados.

Em resumo, a análise fonêmica de uma língua de sinais é essencial para compreender a organização e a estrutura fonológica dessa modalidade linguística, permitindo aos pesquisadores identificar os elementos distintivos e descrever o sistema fonológico da língua de sinais em questão.

A autora também destaca a importância de compreender a relação entre língua e cultura para compreender a língua Terena de sinais e a cultura Terena, que inclui

⁴ Considera-se que a fonologia de línguas de sinais busca reconhecer as unidades distintivas da língua. A princípio, Stokoe (1962) propôs o uso dos termos em Inglês, *Cherology* e *chereme* (do Grego Antigo: χείρ "mão"), porém, sua terminologia foi abandonada, e assumiu-se o uso de uma terminologia que enfatiza a analogia entre sistemas fonológicos de línguas orais e de línguas de sinais.

os surdos Terena. Ela ressalta que a compreensão dessa relação é importante para compreender o contexto de que foram extraídos os dados e também a forma como foram analisados.

A análise lexical e gramatical dos sinais usados pelos Terena envolve a investigação e descrição dos elementos lexicais (vocabulário) e gramaticais (estruturas linguísticas) presentes na língua Terena de sinais. Nesse contexto, a pesquisadora realizou um estudo para compreender a estrutura e o funcionamento dessa língua de sinais específica.

A análise lexical consiste na identificação, coleta e organização do vocabulário utilizado pelos surdos Terena, incluindo sinais que representam objetos, ações, conceitos e outros elementos do mundo ao seu redor. Essa análise permite compreender a riqueza lexical da língua Terena de sinais e sua capacidade de expressar uma variedade de conceitos e ideias.

Já a análise gramatical envolve a investigação das estruturas linguísticas presentes na língua Terena de sinais, incluindo a ordem das palavras, a marcação de tempo, aspecto e modo, a formação de frases e outros aspectos gramaticais que contribuem para a expressão de significado e a comunicação efetiva.

Ao realizar a análise lexical e gramatical dos sinais usados pelos Terena, a pesquisadora busca compreender a organização e a estrutura da língua Terena de sinais, bem como suas características distintivas em relação a outras línguas de sinais, como a Língua Brasileira de Sinais (Libras).

Essa análise é fundamental para documentar e preservar a língua Terena de sinais, além de contribuir para o desenvolvimento de recursos educacionais, programas de ensino e políticas linguísticas que promovam o uso e o reconhecimento dessa língua como parte importante da identidade e da cultura dos surdos Terena.

A comparação entre os sinais da Língua Brasileira de Sinais (Libras) e os sinais da língua Terena de sinais revela diferenças significativas, evidenciando as características distintivas dessas duas línguas de sinais. A pesquisadora realizou essa comparação em seu estudo, destacando aspectos fonológicos, lexicais e gramaticais que diferenciam as duas línguas.

Em relação aos sinais fonológicos, a comparação pode incluir parâmetros como configuração de mão, movimento, locação e orientação, que podem variar entre

as línguas de sinais. Essas diferenças fonológicas contribuem para a distinção de sinais e para a expressão de significados específicos em cada língua.

No aspecto lexical, a comparação entre os sinais da Libras e da língua Terena de sinais revela diferenças no vocabulário utilizado para representar objetos, ações, conceitos e outros elementos do mundo ao redor dos usuários. Essas diferenças lexicais refletem as realidades culturais e linguísticas distintas das comunidades surdas que utilizam essas línguas de sinais.

Além disso, a comparação gramatical pode evidenciar diferenças na estrutura e na organização das frases, na marcação de tempo, aspecto e modo, e em outros aspectos gramaticais que contribuem para a expressão de significado e a comunicação efetiva em cada língua de sinais.

Ainda segundo Soares, essa comparação entre os sinais da Libras e da língua Terena de sinais é fundamental para compreender a diversidade linguística e cultural das comunidades surdas, bem como para reconhecer a autonomia e a riqueza das línguas de sinais em contextos específicos, como o contexto Terena.

A conclusão sobre a comparação entre os sinais da Língua Brasileira de Sinais (Libras) e os sinais da língua Terena de sinais, conforme apresentado no estudo, visualiza a importância de reconhecer a autonomia e a riqueza das línguas de sinais em contextos específicos, como o contexto Terena. A comparação revela diferenças significativas nos aspectos fonológicos, lexicais e gramaticais, evidenciando as características distintivas dessas duas línguas de sinais.

No aspecto fonológico, a autora demonstra que as diferenças nos parâmetros como configuração de mão, movimento, locação e orientação indicam a singularidade da língua Terena de sinais, refletindo as realidades culturais e linguísticas específicas da comunidade surda Terena. Essas diferenças contribuem para a distinção de sinais e para a expressão de significados específicos na língua Terena de sinais.

Além disso, a autora também afirma que a análise lexical revela diferenças no vocabulário utilizado, refletindo as necessidades e experiências únicas da comunidade surda Terena. A diversidade lexical demonstra a capacidade da língua Terena de sinais de representar uma variedade de conceitos e ideias de forma autônoma e culturalmente relevante.

Por fim, no aspecto gramatical, as diferenças na estrutura e organização das frases, na marcação de tempo, aspecto e modo, destacam a singularidade da língua

Terena de sinais, evidenciando sua capacidade de comunicação efetiva e expressão de significado de maneira distinta da Libras.

Essa conclusão ressalta a importância de valorizar e preservar a língua Terena de sinais como parte integrante da identidade e da cultura dos surdos Terena, reconhecendo sua autonomia e riqueza linguística. Além disso, destaca-se a necessidade de desenvolver recursos educacionais e programas de ensino que promovam o uso e o reconhecimento da língua Terena de sinais, contribuindo para a inclusão e o empoderamento da comunidade surda Terena.

Quadro 20: Educação de Surdos: Línguas, Desafios e Propostas


Povo	Terena (Akuak)
Principal fonte pesquisada	Soares (2018)
Línguas usadas pelos surdos Terena	Língua indígena de sinais Terena
Informações sobre educação do surdo Terena	<ul style="list-style-type: none"> • Interesse da comunidade na própria língua; • Autonomia e distinção da língua de sinais Libras; • Educação inclusiva dos Terena; • Convívio com a língua de sinais no dia-a-dia na comunidade; • Relato pessoal dos surdos e dos pais de surdos; • A diferença entre a língua de sinais e a comunicação; • Diversidade linguística em comparação com a Libras; • Preservação e valorização da língua indígena de sinais.

Quadro criado pela autora.

3.5 Línguas de sinais indígenas na região Região do Sul

Nesta seção, são apresentadas informações sobre comunidades indígenas de Santa Catarina.

Quadro 21: Língua indígena de sinais do povo Kaingang

	Povo: kaingang Família Linguística da língua oral: Kaingang Tronco: Macro-Jê Localização: região de Bauru até Adamantina e do Rio Tietê ao Paranapanema.	Descrição do sinal: Pintura no rosto.
---	---	--

fonte: informação sobre o povo de <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Kaingang>, fonte do sinal: Costa et al. (2022)

Na dissertação de Giroletti (2008), intitulada "Os Surdos Indígenas no Município de Ipuçu", a autora aborda a presença e a realidade dos surdos Kaingang na região de Ipuçu, oeste de Santa Catarina. Na introdução, a autora apresenta o contexto e os objetivos do estudo, bem como a metodologia utilizada. A autora destaca a importância de se compreender a cultura surda e a educação escolar Kaingang, a partir de uma perspectiva intercultural e de valorização da diversidade. A introdução também apresenta uma citação de Paulo Freire (2011), que enfatiza a importância de se reconhecer o processo de construção do conhecimento e de compartilhar experiências.

O trabalho aborda a existência dos surdos indígenas na comunidade, suas experiências educacionais, a utilização da Língua Brasileira de Sinais (Libras) e a importância da inclusão e valorização da cultura surda na aldeia Kaingang. A autora também destaca a necessidade de compreender as particularidades linguísticas e culturais dos surdos indígenas, bem como as relações estabelecidas com a comunidade escolar e a população local.

No capítulo da dissertação "O Entre-Lugar - A Língua/Os Sinais", a autora Giroletti (2008) explora o conceito de "entre-lugar" como um espaço de negociação e tradução cultural, em que as identidades surdas e indígenas se entrelaçam. Nesse contexto, são discutidos os Sinais Kaingang (SKA) e a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como elementos fundamentais na construção da identidade dos surdos Kaingang, permitindo a expressão de sua cultura e história de forma única e significativa. A autora destaca a importância de reconhecer e valorizar esses espaços intersticiais, em que novas formas de comunicação e significado emergem, contribuindo para a compreensão da diversidade linguística e cultural presentes na comunidade surda indígena.

É feita a caracterização sociocultural da comunidade Kaingang no município de Ipuçu, que é abordada em diversos trechos ao longo do estudo. A autora explora a

cultura, a língua, as tradições e a organização social dos Kaingang, destacando a importância desses aspectos para a compreensão da identidade dos surdos indígenas na aldeia. Além disso, são discutidas as relações entre a comunidade Kaingang, a escola e a sociedade local, evidenciando a interação entre diferentes contextos culturais e a necessidade de promover a valorização e o respeito pela cultura indígena, incluindo a cultura surda dentro desse contexto mais amplo.

A autora discute a importância da escola como espaço de inclusão e valorização da cultura surda indígena. São abordados os desafios enfrentados pelos surdos Kaingang na escolarização, incluindo a falta de recursos e de profissionais capacitados para o ensino em Libras, bem como a necessidade de adaptação curricular para atender às especificidades linguísticas e culturais dos surdos indígenas. A autora também destaca a importância da participação da comunidade na construção de uma educação intercultural, que valorize a diversidade e promova a inclusão de todos os estudantes, independentemente de suas diferenças linguísticas e culturais.

O trabalho também aborda a importância da comunicação para a integração e o desenvolvimento dos surdos Kaingang na escola, na família e na aldeia. São discutidos os desafios enfrentados pelos surdos indígenas em relação à comunicação, incluindo a fluência em Libras e nos Sinais Kaingang (SKA), bem como a interação com a comunidade escolar e a população local. A autora destaca a necessidade de promover estratégias de comunicação eficazes que considerem as particularidades linguísticas e culturais dos surdos Kaingang, visando a inclusão e a valorização de sua identidade surda e indígena.

No capítulo "Trajetória dos Registros e das Análises" da dissertação de Giroletti (2008), a autora descreve a trajetória dos registros e das análises dos Sinais Kaingang (SKA), criados pelos surdos indígenas na aldeia. Inicialmente, a pesquisadora realizou visitas às famílias dos estudantes surdos Kaingang para cadastramento e identificação de alguma forma de comunicação entre eles e seus familiares. No entanto, não foi possível observar e obter sinais que pudessem se configurar como padrão na comunicação para serem aplicados na escola.

A partir do primeiro "olhar" sobre a comunicação, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) foi sendo introduzida na turma, pois era o que havia para oferecer naquele momento. No entanto, a autora destaca que a introdução da Libras não significou a substituição dos SKA, mas sim a complementação da comunicação entre os surdos

Kaingang e a comunidade escolar. A pesquisa assumiu um caráter participante, com a pesquisadora atuando como docente na turma dos surdos Kaingang e como intérprete de Libras, junto aos surdos incluídos em uma 6ª série. Durante esse período, foram realizados registros e análises dos SKA, com o objetivo de identificar os elementos culturais que constituem a identidade dos surdos Kaingang e analisar os contextos em que os sinais linguísticos de comunicação dos surdos se legitimam e se entrelaçam com a Libras.

A autora destaca que a escritura dos SKA, quando nos registros e relatos sobre os sinais Kaingang, será referenciada como a apresentação do Sinal, porque se deu justamente assim. Os sinais não foram mostrados quando solicitados, mas apareciam quando os surdos queriam mostrar, por isso se diz a apresentação do sinal. Ao longo da pesquisa, foram identificadas diversas formas de criação e utilização dos SKA, incluindo a fusão/entrelaçamento desses sinais com a Libras, na escola, na família, na aldeia e entre os surdos. A autora destaca a importância de valorizar e preservar os SKA como parte integrante da identidade dos surdos Kaingang, promovendo a sua difusão e o seu reconhecimento como uma forma legítima de comunicação e expressão cultural.

A autora descreve a observação das relações estabelecidas pelos surdos Kaingang na escola, abordando a aceitação inicial na turma de 6ª série, a interação com os professores, colegas e funcionários, bem como a percepção dos estudantes não surdos em relação aos surdos.

A autora destaca que a representação dos surdos Kaingang na turma de 6ª série é vista como natural, com os não-surdos demonstrando respeito pela língua de sinais e pela presença dos surdos. A interação entre os surdos e os não-surdos é descrita como harmoniosa, com os surdos conseguindo se destacar por suas habilidades, participações e forma de comunicação. A autora ressalta a importância de não pensar o surdo como mudo, enfatizando a necessidade de compreender e valorizar a identidade surda. Além disso, a autora destaca a influência da Libras na comunicação dos surdos Kaingang na escola, observando que a Libras fluía melhor do que a própria Língua Kaingang na turma de não-surdos. A interação entre os surdos e os não-surdos durante as aulas e provas é mencionada, evidenciando a importância da comunicação eficaz para o processo de aprendizagem e integração dos surdos na escola.

A pesquisa também aborda a interação dos surdos com os funcionários da escola, incluindo serventes, auxiliares e motoristas do transporte escolar. A autora destaca a importância do ambiente escolar como espaço de muitas relações, em que os surdos mantêm contato com diferentes agentes, contribuindo para a construção de uma comunidade escolar inclusiva e acolhedora. Em resumo, o capítulo aborda a representação dos surdos Kaingang nos diferentes agentes da escola, destacando a importância da aceitação, respeito e valorização da identidade surda, bem como a influência da Libras na comunicação e interação dos surdos na comunidade escolar.

Giroletti (2008) reflete sobre todo o processo de pesquisa e vivência na comunidade escolar dos surdos Kaingang. Ela destaca a complexidade e desafios enfrentados ao longo do estudo, ressaltando a importância de compreender a interseção entre línguas, culturas, disciplinas e povos.

A autora questiona onde se traça a linha divisória entre as línguas, culturas, disciplinas e povos, citando Bhabha (2005) para enfatizar a necessidade de transcender as contradições e ambivalências que constituem a estrutura da subjetividade humana e seus sistemas de representação cultural. Essa reflexão demonstra a preocupação da autora em superar visões binárias e hierárquicas, buscando uma compreensão mais ampla e inclusiva das relações interculturais.

Além disso, a autora compartilha a dificuldade de finalizar a pesquisa de campo devido ao envolvimento profundo com o contexto escolar, os estudantes e a comunidade local. Ela destaca a importância de reconhecer a complexidade e a riqueza das experiências vivenciadas durante o estudo, ressaltando a necessidade de continuar promovendo a valorização e preservação da cultura e identidade dos surdos Kaingang. Nas considerações finais, a autora reforça a importância da interculturalidade, da valorização da diversidade e do respeito às diferenças como elementos essenciais para a construção de uma sociedade mais inclusiva e justa. Ela destaca a relevância de continuar aprofundando o diálogo e a colaboração entre diferentes culturas e comunidades, visando promover a igualdade de oportunidades e o respeito mútuo. Em suma, as considerações finais da dissertação refletem a dedicação e o comprometimento da autora com a pesquisa intercultural e a promoção da inclusão dos surdos Kaingang na comunidade escolar, ressaltando a importância de reconhecer e valorizar a diversidade cultural e linguística como um ativo fundamental para o enriquecimento da sociedade como um todo.

Quadro 22: Educação de Surdos: Línguas, Desafios e Propostas

Povo	Kaingang (Macro-Jê)
Principal fonte pesquisada	Giroletti (2008)
Línguas usadas pelos surdos Kaingang	Língua de sinais brasileira – Libras
Informações sobre educação do surdo Kaingang	<ul style="list-style-type: none">• Interculturalidade e a identidade surda indígena;• Cultura construída a partir da interseção entre a cultura da etnia local e a cultura surda;• A introdução da Libras, mas não substituir a língua de sinais Kaingang (SKA);• Escola como um local inclusivo;• Dificuldade de encontrar professores inclusivo para atuar com os alunos surdos;• Interação entre os surdos e ouvintes;• Limitação entre a língua, cultura e disciplina.

Quadro criado pela autora.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A documentação sobre as línguas de sinais indígenas ainda é bastante limitada, e a quantidade precisa pode variar dependendo das fontes e da definição do que constitui uma língua de sinais indígena. Existem relatos de comunidades indígenas que falavam línguas de sinais. Por exemplo, línguas de sinais indígenas como a língua de sinais Ka'apor e a língua de sinais Terena foram identificadas e estudadas no Brasil. A documentação e o registro das línguas de sinais indígenas têm muitas políticas diferentes e geralmente dependem de iniciativas acadêmicas ou de organizações não governamentais. Muitas dessas línguas não são reconhecidas oficialmente.

A UNESCO e outras organizações destacam a importância da preservação das línguas minoritárias, incluindo as línguas de sinais, como parte do patrimônio cultural imaterial. No entanto, recursos, acessibilidade e priorização política são frequentemente obstáculos na execução dessas políticas. Como a língua de sinais oficial do Brasil, a Libras pode afetar significativamente as comunidades indígenas, principalmente em relação à educação e à integração social dos surdos. Em alguns casos, a Libras pode

ser ensinada para surdos indígenas como primeira língua, isso pode afetar ou até mesmo substituir a língua de sinais local. Isso pode resultar na perda de sinais diferentes das línguas indígenas, como acontece com muitas línguas faladas indígenas. A disponibilidade de recursos educacionais, culturalmente e linguisticamente protegidos, é um dos desafios que a educação de surdos em comunidades indígenas enfrenta.

Um grande obstáculo é a falta de instrutores experientes que dominam a língua de sinais locais e a cultura indígena. Além disso, as necessidades exclusivas dos surdos indígenas podem diferir significativamente das de outros estudantes surdos, o que pode ser ignorado pelas políticas educacionais. É fundamental considerar o valor de métodos que valorizam a diversidade linguística e cultural, fomentar o respeito pelas línguas de sinais indígenas e fornecer recursos para a educação de surdos que sejam inclusivos e adaptados às suas realidades culturais. Primeiramente, devemos sempre levar em consideração as breves revisões de conceitos sobre políticas linguísticas, que abordam as diferentes esferas de gestão, bem como as noções de planejamento linguístico e agente de políticas linguísticas.

Fica evidente que é fundamental pensar criticamente sobre o uso da língua para entender por que usamos certas línguas de determinada maneira. Isso ocorre porque as políticas linguísticas sustentam esse uso crítico. As questões levantadas são fundamentais para orientar os estudos e pesquisas relacionadas às línguas de sinais emergentes. A nomenclatura e abreviações das línguas de sinais emergentes devem levar em consideração os endônimos⁵ escolhidos pelos próprios usuários das línguas, respeitando a autodenominação das comunidades surdas. Isso contribui para o reconhecimento e valorização das línguas de sinais emergentes, promovendo a preservação de suas identidades linguísticas e culturais.

⁵ Endônimos são os nomes próprios de lugares que são grafados de acordo com o idioma falado no local.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

ALMEIDA-SILVA, Anderson; NEVINS, Andrew Ira. Observações sobre a estrutura linguística da Cena: a língua de sinais emergente da Várzea Queimada (Piauí, Brasil). *Revista Linguagem & Ensino*, v. 23, n. 4, p. 1029-1053, 2020.

AMARAL, J. J. F. Como fazer uma pesquisa bibliográfica. Fortaleza, CE: Universidade Federal do Ceará, 2007.

ANDRADE, Gabriela Rieveres Borges de; VAITSMAN, Jeni; FARIAS, Luis Otávio. Metodologia de elaboração do Índice de Responsividade do Serviço (IRS). *Cadernos de Saúde Pública*, v. 26, n. 3, p. 523-534, 2010.

ARAÚJO, Aline Cássia Silva; DE OLIVEIRA, Francisco Kelsen. Revisão Sistemática da Literatura sobre Tecnologias digitais de informação e comunicação de tradução do par linguístico Português Libras. *Revista Semiárido De Visu*, v. 9, n. 3, p. 286-299, 2021.

ARAUJO, B. R. N. A escolarização de indígenas terena surdos: desafios e contradições na atuação do tradutor intérprete de línguas de sinais –tils. Dissertação de Mestrado, Campo Grande –MS, 2018.

ARAUJO, B. R. N. Línguas Indígenas de Sinais no Brasil: Elas (R)Existem? ANAIS XI Seminário Povos Indígenas e Sustentabilidade: Etnocídio e as Estratégias de Resistência 27 a 29 de setembro de 2020.

ARAUJO, B. R. N.; FERREIRA, R. V. Estudos e Pesquisas sobre a educação de indígenas surdos no Brasil. In: REIS, L. da S.; FIGUEIREDO, A. A. de A.; SGARBI, N. M. F. de Q. *Estudos Linguísticos Aplicados às Línguas Indígenas e à Libras*. Pedro e João Editores, São Carlos -SP, 2023.

ARAÚJO, Paulo Jeferson Pilar; DE OLIVEIRA, Analú Fernandes. Línguas de sinais emergentes no Brasil: o caso da Língua de Sinais Macuxi. *Revista de Letras Norte@mentos*, v. 14, n. 37, 2021.

AZEVEDO, Larissa Biato de. *Concepções sobre a questão indígena: Província de São Paulo, 1822-1834*. 2015.

BARBOSA, Isabela Vieira; FISTAROL, Caique Fernando da Silva; SILVEIRA, Éderson Luís. Línguas De Herança E De Imigração: Notas Sobre Comunidades Linguísticas E (Co) Existência Sociocultural No Brasil. *Revista Água Viva, [S. l.]*, v. 5, n. 3, 2020. DOI: 10.26512/aguaviva.v5i3.35812. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/aguaviva/article/view/35812>. Acesso em: 13 set 2023.

BARRETO, A. V.; HONORATO, C. F. Manual de sobrevivência na selva acadêmica. objeto direto. 1998.

BARRETOS, E. A. A situação de comunicação dos Akwẽ-Xerente surdos. 2016. 97f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

BARROSO, Fabiane Silva. Educação escolar de indígenas surdos: Um olhar para o contexto Apinajé. 2022.

BASSEY, M. On the natureza of research in education. Research inteligente, n. 36, p. 16-18, 1990.

BENTES, Marilda Vinhote. Wapixana: uma comunidade e uma língua. RE-UNIR-Revista do Centro de Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Rondônia, v. 5, n. 1, 2018.

BEZERRA, Erich Teles. Uma análise dos sinais-termo das etnias indígenas nas toadas dos bois bumbás (TCC-Bacharelado em letras Libras). Universidade Federal de Santa Catarina, Polo Manaus-AM.

<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/224603>. 2021.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes; LADEIRA, Maria Elisa. A história do povo Terena. 2000.

BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. Rev. Odontol. Univ. Cidade São Paulo, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006. Disponível em <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1896>> Acesso em: 03 de set.2023.

Bogdan, R., & Biklen, S. Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto editora. 1982.

BRASIL, Secretaria De Estado Da Educação De Goiás (SEDUC-GO). Diretrizes Pedagógicas 2017. disponível em: <https://goias.gov.br/educacao/> acessado em: 17 abr 2023.

BRUNO, Marilda Moraes Garcia; COELHO, Luciana Lopes. Discursos e práticas na inclusão de índios surdos em escolas diferenciadas indígenas. Educação & Realidade, v. 41, p. 681-693, 2016.

BRUNO, Marilda Moraes Garcia; LIMA, Juliana Maria da Silva. As formas de comunicação e de inclusão da criança Kaiowá surda na família e na escola: Um estudo etnográfico. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 21, n. 1, p. 127-142, 2015.

BRUPAHI XERENTE, E. Letramentos do viver Akwẽ. 2019. Projeto (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019.

CALVET, Louis Jean. *As Políticas Linguísticas* – Tradução: DE OLIVEIRA, Isabel, Jonas Tenfen e BAGNO, Marcos. Prefácio: DE OLIVEIRA, Gilvan Muller, São Paulo – SP: Parábola Editorial, IPOL, 2007.

CARLIEZ, M. L. Collecte des LS des sourds de Soure (Île de Marajó) et de Fortalezinha: un parcours méthodologique (2008-2013). Recherche non publiée, réalisée à Paris 8, en régime de postdoctorat. _____, M. L. S. S.; FORMIGOSA, E.; CRUZ, E. B. Accessibilité et égalité des chances aux micro-communautés des sourds brésiliens : vers la reconnaissance des langues des signes pratiquées par les sourds de Soure (Île de Marajó) et Fortalezinha-PA et Porto de Galinhas-PE. *MOARA*, v. 1, p. 113-143, 2016.

CERQUEIRA, I.F. & TEIXEIRA, E.R.T. Iconicidade e realidade: um olhar sobre a produção de sinais dos surdos do município de Cruzeiro do Sul/AC. In: *ANTHESIS: Revista de Letras e Educação da Amazônia Sul-Ocidental*, ano 05, nº 08, 2016.

CERVO, Amado Luiz. BERVIAN, Pedro Alcino. *Metodologia científica*, v. 5, 2002.

COELHO, Luciana Lopes et al. A educação escolar de indígenas surdos Guarani e Kaiowá: discursos e práticas de inclusão. 2019.

Coelho, Luciana Lopes. A constituição do sujeito surdo na cultura Guarani-Kaiowá: os processos próprios de interação e comunicação na família e na escola (Dissertação de mestrado em educação). Dourados: UFGD. 2011.

COELHO, Luciana Lopes; BRUNO, Marilda Moraes Garcia. Caminhos da pesquisa sobre a educação escolar de indígenas surdos no MS: Caminos de la investigación sobre la educación escolar de indígenas sordos en MS. *Revista Cocar*, n. 21, 2013.

COLADINE BERNARDO, Luciana. ELER, Rosiane Ribas de Souza. *Língua de sinais Paiter Suruí: sinais do ambiente escolar*. Jí - Paraná: Clube dos Autores, 2020.

. *Cadernos de Linguagem e Sociedade, [S. l.]*, v. 24, n. 1, p. 220–224, 2023. DOI:

10.26512/les.v24i1.43408.

Disponível

em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/43408>. Acesso em: 4 ago 2023.

COMAPA, Marta Marubo. Trajetórias, identidades e narrativas: aproximações das histórias de aprendizagem de português por um surdo e uma indígena ouvinte. 2022.

COSTA, Edivaldo; BEZERRA, Erich Teles; NASCIMENTO, Leoni Ramos Souza. Etnoterminologia de etnias das línguas de sinais das terras indígenas brasileiras. LIAMES: Línguas Indígenas Americanas, v. 22, p. e022006-e022006, 2022.

COSTA, Edivaldo; NASCIMENTO, Leoni Ramos Souza; PRATES, Magno Prado Gama. KARAI JE'EHA JAKWARAHÃ!(COMUNIQUE-SE BEM!): UM ESTUDO SOBRE AS LÍNGUAS DE SINAIS DAS TERRAS INDÍGENAS. Humanidades & Inovação, v. 8, n. 37, p. 20-35, 2021.

COSTA, Samuel Douglas Farias; CARNIEL, Fagner. Inclusão indígena na educação superior: perspectivas guarani e institucionais. Revista Brasileira de Educação, v. 27, p. e270019, 2022.

CUNHA, Manuela Carneiro. Índios no Brasil: história, direitos e cidadania. Editora Companhia das Letras, 2013.

DA SILVA GARCIA, Gabriella Vanessa Gonçalves. Levantamento das Línguas de Sinais Indígenas já Catalogadas no Brasil. 2024. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Goiás (Brazil).

DA SILVA, Diná Souza; DE QUADROS, Ronice Muller. Línguas de sinais de comunidades isoladas encontradas no Brasil. Brazilian Journal of Development, v. 5, n. 10, p. 22111-22127, 2019.

DAMASCENO, Maira. Direito à diferença e pluriversalidade dos povos indígenas: tempo-espço Kanhgág. Revista Tempo e Argumento, v. 15, n. 40, p. e0102-e0102, 2017.

DE MOURA, Mônica Lima Silva; GOMES, João Carlos. Mapeamento das línguas de sinais indígenas no povo Xukuru do Ororubá no contexto dos estudos surdos. Revista Educação, Pesquisa e Inclusão, v. 1, p. 41-54, 2020.

ELER, Rosiane Ribas de Souza. Mapeamento de sinais da educação escolar indígena dos surdos Paiter Suruí. 2017.

ELER, Rosiane Ribas De Souza. Língua De Sinais Paiter Suruí. Clube de Autores, 2020.

- FERREIRA, Alessandra Teles Sirvinskas et al. A língua de sinais em museus: acessibilidade através de guias multimídias. *Interfaces Científicas-Humanas e Sociais*, v. 9, n. 1, p. 8-23, 2021.
- FREIRE, Paulo. Carta de Paulo Freire aos professores. *Estudos avançados*, v. 15, p. 259-268, 2001.
- GARCIA, Gabriella Vanessa Gonçalves da Silva et al. Levantamento das línguas de sinais indígenas já catalogadas no Brasil. 2024.
- Giroletti, Marisa Fátima Padilha. *Cultura surda e educação escolar Kaingang* (Dissertação de mestrado em educação). Florianópolis-SC: Universidade Federal de Santa Catarina. 2008.
- GODOY, Gustavo. *Os Ka'apor, os gestos e os sinais*. Rio de Janeiro:UFRJ. Disponível em: <http://www.etnolinguística.org/tese:godoy-2020>, 2020.
- GOMES, Elenira Oliveira. Introdução histórica da língua de sinais kaapos. *Revista em favor de igualdade racial*, v. 3, n. 1, p. 33-41, 2020.
- GOMES, João Carlos; VILHALVA, Shirley. *As línguas de sinais Indígenas em contextos interculturais coleção registros de estudos e pesquisas das línguas de sinais Indígenas no Brasil volume 2*. Editora CRV, 2021.
- IBGE – instituto brasileiro de geografia e estatística, 2022. Disponível em: <https://basedosdados.org/dataset/08a1546e-251f-4546-9fe0-b1e6ab2b203d?table=ebd0f0fd-73f1-4295-848a-52666ad31757&utm_term=censo%20ibge%202022&utm_campaign=Trend+do+Censo+2022&utm_source=adwords&utm_medium=ppc&hsa_acc=9488864076&hsa_cam=21101952202&hsa_grp=160879691738&hsa_ad=693650899919&hsa_src=g&hsa_tgt=kw d-1414005611223&hsa_kw=censo%20ibge%202022&hsa_mt=b&hsa_net=adwords&hsa_ver=3&gad_source=1&gclid=CjwKCAiA-Oi7BhA1EiwA2rlu258yrZXu4Wg05HSfM8MWHwDcoWKmHZFQMXqAfK6TFxYGuAxBOGLqBoCBskQAvD_BwE> acessado em abril 2023.
- JÚNIOR, Gláucio et al. *Anais: I Congresso Internacional de Lexicologia, Lexicografia, Terminologia e Terminografia das Línguas de Sinais e II Fórum Internacional Sobre Produção de Glossários e Dicionários em Línguas De Sinais*. Editora Appris, 2021.
- LABOV, William. *Sociedade Linguística da América*. *Língua*, v. 45, n. 4, p. 715-762, 1969.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- LOPES, Andréa Lima. *A constituição docente e sua relação com o universo temático de educandos de uma comunidade ribeirinha de Manaus*. 2021.

Lopes, Andréa Raquel da Silva Tavares. Levantamento terminológico em Libras para os termos indígenas dos Tapeba. (TCC-Graduação em letras libras). Florianópolis, SC: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). 2020.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. Em Aberto, v. 5, n. 31, 1986.

MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. Classificação da pesquisa. MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador, v. 2, p. 244, 2008.

PEREIRA, Everton Luís. Fazendo cena na cidade dos mudos: surdez, práticas sociais e uso da língua em uma localidade no sertão do Piauí. Florianópolis, SC: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2013.

PEREIRA, Osmar Roberto. Alunos surdos, intérpretes de Libras e professores: atores em contato na universidade. Cadernos de Educação, v. 12, n. 24, p. 73-96, 2013.

PIKE, ER; POMEROY, WRM; VAUGHAN, JM Medição da razão de Rayleigh para vários líquidos puros usando um laser e contagem de fótons monitorada. The Journal of Chemical Physics , v. 62, n. 8, p. 3188-3192, 1975.

PRODANOV, Cleber Cristiano; DE FREITAS, Ernani Cesar. Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico-2ª Edição. Editora Feevale, 2013.

QUADROS, Ronice M. Libras. Linguística para o Ensino Superior, São Paulo: Parábola, 2019.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Política linguística e a política da linguística. In: SIMÕES, D.HENRIQUES, C. C. (Org). Língua Portuguesa, Educação & Mudança. Rio de Janeiro: Europa, 2008.

RAMOS, Alice Stephanie Muniz Augusto; CONSTANTINO, Gabriella Valim; DE FREITAS, Mariana Medeiros. Multimodalidade: a visualidade como recurso na construção de sentido na Libras Multimodality: visuality as a resource in the construction of meaning in Libras. Brazilian Journal of Development, v. 8, n. 6, p. 48461-48471, 2022.

RIBEIRO, Daniela Prometi. Glossário bilíngue da língua de sinais brasileira: criação de sinais dos termos da música. 2014.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas. Edições Loyola, 2002.

SEVERINO, A. J. Metodologia do trabalho científico. 23. Ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA COSTA, Edivaldo; BEZERRA, Erich Teles; NASCIMENTO, Leoni Ramos Souza. Etnoterminologia de etnias das línguas de sinais das terras indígenas brasileiras. LIAMES: Línguas Indígenas Americanas, v. 22, p. e022006-e022006, 2022.

SILVA, Kaio Germano Sousa et al. MULTILINGUISMO DO ESTADO DO MARANHÃO: A DINÂMICA DA LIBRAS, LÍNGUA DE SINAIS KAAPOR E LÍNGUA PORTUGUESA NO DIALETO MARANHENSE. RECIMA21-Revista Científica Multidisciplinar-ISSN 2675-6218, v. 3, n. 1, p. e311068-e311068, 2022.

SOARES, Priscila Alyne Sumaio. Língua Terena de sinais: análise descritiva inicial da língua de sinais usada pelos terena da Terra Indígena Cachoeirinha. 2018.

SOUZA, Tanya A. Libras em contexto: curso básico: livro do estudante. 2006.

STOKOE, William C. Semiótica e linguagens de sinais humanas . Walter de Gruyter, 1962.

SUMAIO, Priscilla Alyne. Sinalizando com os Terena: um estudo do uso da LIBRAS e de sinais nativos por indígenas surdos. 2014.

VILHALVA, Shirley. Mapeamento das línguas de sinais emergentes: um estudo sobre as comunidades linguísticas Indígenas de Mato Grosso do Sul. Revista Espaço, 2009.

VILHALVA, Shirley. Objetos digitais e multiletramentos para o ensino de línguas na educação de indígenas surdos: desafios e proposições. 2024. Tese de Doutorado.